



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - PPGECEM

LAÍS DA SILVA BARROS

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE UM GRUPO DE MULHERES
LOIÇEIRAS DA COMUNIDADE DE CHÃ DA PIA/AREIA - PB

CAMPINA GRANDE - PB

2018

LAÍS DA SILVA BARROS

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE UM GRUPO DE MULHERES
LOIÇEIRAS DA COMUNIDADE DE CHÃ DA PIA/AREIA - PB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Exemplar apresentado para defesa da dissertação.

Área de concentração: Metodologia, Didática e Formação do Professor no Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientadora: Prof. Dr.^a Márcia Adelino da Silva Dias

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277p Barros, Laís da Silva.
Percepção ambiental de um grupo de mulheres lojeiras da Comunidade de Chã da Pia/Areia - PB [manuscrito] / Laís da Silva Barros. - 2018.
95 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Acadêmico em Ens. de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Márcia Adelino da Silva Dias, Departamento de Biologia - CCBS."
1. Percepção ambiental. 2. Alterações ambientais. 3. Artefatos de barro. 4. Cultura. I. Título

21. ed. CDD 333.7

LAÍS DA SILVA BARROS

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE UM GRUPO DE MULHERES LOIÇEIRAS DA
COMUNIDADE DE CHÃ DA PIAVAREIA - PB**

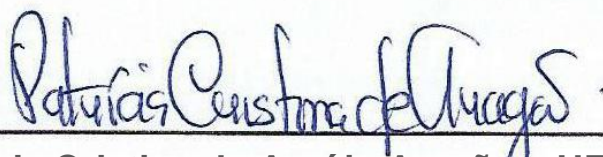
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Exemplar apresentado para defesa da dissertação.

APROVADO EM 27/10/2018

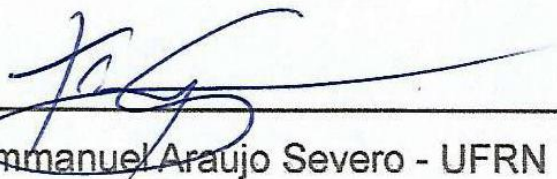
Banca examinadora



Márcia Adelino da Silva Dias – UEPB
Orientadora



Patrícia Cristina de Araújo Aragão – UEPB
Avaliador Interno



Thiago Emmanuel Araujo Severo - UFRN
Avaliador Externo

“Que o breve seja de um longo pensar. Que o longo seja de um curto sentir. Que tudo seja leve de tal forma que o tempo nunca leve”.

Alice Ruiz

AGRADECIMENTOS

Agradecer parece óbvio, quando se recebe muito. Então, agradeço primeiramente a Deus, que permitiu todo êxito alcançado ao longo da minha vida me dando discernimento, força e uma caminhada de luz.

*Agradeço a **Universidade Estadual da Paraíba**, representada pela Direção e Administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.*

*A **comunidade Chã da Pia**, que contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, socializando as suas experiências e conhecimentos.*

*A professora, **Dr^a. Márcia Adelino**, pela orientação, apoio e confiança, também pelo empenho dedicado na elaboração deste trabalho. Pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Pelo seu carinho, amizade, cumplicidade. E que assim, nossa amizade seja eterna.*

*Aos **professores** que proporcionaram o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados, que terão o meu eterno agradecimento.*

*Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Minha **MÃE, Maria Aparecida da Silva Barros**, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao **PAI, Francisco Cândido da Silva Filho**, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu, me proporcionou educação e nunca me deixou faltar o seu melhor esforço para isso que isto acontecesse.*

*Aos amigos, **Amanda Ricelli, Grazyanne Dautro**, companheiros de trabalhos, que fizeram parte da minha formação, vivendo dias de alegrias, de decepções, mas que estava sempre presentes de formas diretas e indiretas, sempre auxiliando um ao outro.*

*A **CAPES**, pelo financiamento do projeto, pois sem este, muitas atividades não seriam capazes de ser desenvolvida.*

Muito obrigada!

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE UM GRUPO DE MULHERES LOIÇEIRAS DA COMUNIDADE DE CHÃ DA PIA/AREIA - PB

¹BARROS, Laís da Silva

RESUMO

Nesta pesquisa propomos o estudo de recorte etnográfico, a partir da percepção ambiental de mulheres loiçeirias da comunidade Chã da Pia – Areia (PB). A percepção ambiental está relacionada com a tomada de consciência do ambiente pelo ser humano. Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive e estas respostas são resultados das percepções, sejam elas individuais e/ou coletivas, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa. Desta forma, a identificação da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente. Nessa inter-relação com o ambiente, o seu conhecimento acerca do mesmo e a forma de relacionamento com os recursos da biota, que é o conjunto de seres vivos que habitam um determinado ambiente ecológico, corresponde ao um saber tradicional, passado de geração a geração. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi identificar a percepção sobre o ambiente de mulheres loiçeirias, da comunidade Chã da Pia – Areia (PB - Brasil). A coleta de dados foi utilizada por meio de roteiros de entrevistas, e rodas de conversa, que ocorreu uma vez por semana nas casa das participantes. O problema da pesquisa emerge das questões envolvidas com percepção das entrevistadas quanto às questões ambientais, impactos causados pelo homem e a preocupação em manter o equilíbrio natural. A análise dos dados foi realizada por meio da utilização de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011) e a construção das categorias proposta por Dias (2008), para os dados colhidos nas entrevistas. Sob este ponto de vista, cremos que os estudos de percepção ambiental, são de grande importância, uma vez que contribuem para uma mudança no foco investigativo, em direção ao entendimento do ponto de vista nativo ou local, indo além de uma perspectiva meramente cognitiva. Concluímos que embora as loiçeirias tenham percepção ambiental do tipo naturalista, ainda assim, existe uma preocupação com o ambiente. Porém seus conhecimentos/percepção vão além do saber acadêmico, e essa aquisição do conhecimento, é dado pelo saber acumulado através das gerações. Uma arte de habilidade desenvolvida no trabalho (prática) com a imaginação (criação). Sua expressão das obra de arte é sempre perceptível com a identidade própria, dando-lhe também componentes de manifestação dos sentimento. Assim a arte fornece o conhecimento de uma realidade interpretada pela sensibilidade do artista.

Palavras-chave: Saberes da tradição; ambiente; percepção; cultura; alterações ambientais.

¹ Bacharela em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba, Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Email: lais.sbarros21@gmail.com.

ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF A GROUP OF CHILDREN OF THE CHI DA PIA/AREIA COMMUNITY - PB

BARROS, Laís da Silva

ABSTRACT

In this research we propose the study of ethnographic clipping, based on the environmental perception of *lojeiras* women from the Chia da Pia - Areia (PB) community. Environmental perception is related to the human being's awareness of the environment. Each individual perceives, reacts and responds differently to actions on the environment in which they live and these responses are the result of individual and / or collective perceptions of each person's cognitive processes, judgments and expectations. In this way, the identification of environmental perception is of fundamental importance so that we can better understand the interrelations between man and the environment. In this interrelationship with the environment, its knowledge about the environment and its relationship with the resources of the biota, which is the set of living beings that inhabit a certain ecological environment, corresponds to a traditional knowledge, passed from generation to generation. Thus, the general objective of the research was to identify the perception about the environment of women *lojeiras*, from the community Chã da Pia - Areia (PB - Brazil). The data collection was used through interview scripts, and talk wheels, which occurred once a week in the participants' homes. The research problem emerges from the issues involved with the interviewees' perception of environmental issues, human-caused impacts and the concern to maintain the natural balance. The analysis of the data was performed through the use of content analysis, proposed by Bardin (2011) and the construction of the categories proposed by Dias (2008), for the data collected in the interviews. From this point of view, we believe that environmental perception studies are of great importance, since they contribute to a shift in research focus, toward understanding from the native or local point of view, going beyond a merely cognitive perspective. We conclude that although the *lojeiras* have environmental perception of the naturalistic type, there is still a concern with the environment. But their knowledge / perception goes beyond academic knowledge, and this acquisition of knowledge is given by knowledge accumulated through the generations. An art of skill developed in the work (practice) with the imagination (creation). His expression of works of art is always perceptible with his own identity, giving him also components of the manifestation of feeling. Thus art provides the knowledge of a reality interpreted by the artist's sensitivity.

Keywords: Knowledge of tradition; environment; perception; culture; environmental changes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Barro bruto se transformando em poema, pelas mãos de uma lojeira	58
Figura 3. Modelagem da loiça como o uso da cabaça, realizada por uma lojeira	59
Figura 3. A – Panela já moldada e exposta ao sol	60
Figura 3. B – Lojeira fazendo o alisamento da panela, com seixo	60
Figura 4 – Forno de lenha produzido pelos próprios moradores da comunidade	61
Figura 5 – Cisterna presente nos terrenos das lojeiras	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - A CULTURA DE PRODUÇÃO DE BARRO	14
1.1 CULTURA	14
1.1.1 A utilização do barro na produção de artefatos	17
1.1.2 A cultura da produção dos artefatos de barro	24
1.1.3 Os saberes da tradição na manutenção da cultura da comunidade	30
1.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL	32
CAPÍTULO 2 - PERCURSO METODOLÓGICO	39
2.1 Situando o contexto da pesquisa	39
2.2 Tipo de pesquisa	40
2.3 Participantes da Pesquisa	41
2.4 Conhecendo o percurso	41
2.5 Instrumentos e técnicas de Coleta de Dados	42
2.6 Categorização e Análise dos dados	44
2.6.1 Transcrições dos turnos de falas	45
2.6.2 Construção das categorias de análise	46
2.6.2.1 Representação sobre a profissão Lojeira	46
2.6.2.2 Saber da Tradição	46
2.6.1.1.1 Identidade como ofício	47
2.6.1.1.1.1 Saber do ofício	47
2.6.2.3 Percepção Ambiental	47
2.6.2.3.1 Conservação Ambiental	47
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
3.1 Compreensões e discussões emergentes das entrevistas	48
3.1.1 Representação sobre a profissão Lojeira	49
3.1.2 Saber da Tradição	52
3.1.2.1 Identidade com o ofício	55
3.1.2.1.1 Saber do ofício	56
3.1.3 Percepção ambiental	64
3.1.3.1 Conservação Ambiental	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

5 REFERÊNCIAS	78
6 APÊNDICES	94

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar o texto de que irá compor esse trabalho, convido você para conhecer o motivo da escolha dessas mulheres. Assim, acredito que estas discussões, sujas de barro, tomarão sentido na sua compreensão, seja esta qual for. Ao me sujar de barro, pisando em uma comunidade cheia de conhecimentos, início esse trabalho fugindo da introdução das noções teóricas, paradigmática, que exige todo trabalho acadêmico.

Raras são as vezes que um trabalho acadêmico pisa na assepsia da universidade com os pés sujos de lama. E esta pesquisa me deu essa potencialidade, pois ele nasce do barro, da cultura que traz sentidos e implicações para a teoria.

Diante disto, a pesquisa foi desenvolvida com loizeiras, mulheres que combinam a habilidade aprendidas no ABC do barro, desenvolvida delicadamente com o calor das mãos, juntamente com a imaginação (criação). Qualquer que seja sua forma de expressão, cada obra de arte é sempre perceptível dando-lhes a formação da identidade própria, dando-lhe também componentes de manifestação dos sentimentos, trazidos dos seus antepassados.

As loizeiras são mulheres de conhecimento único no que desrespeita a loiça de barro, construídos com relação entre liberdade, determinismo. Mulheres de garra, que sujam todas as suas gerações de lama, deixando suas memórias vivas a cada geração. Assim, podemos considerar que a arte do fazer das loizeiras fornece o conhecimento de uma realidade interpretada pela sensibilidade dessas artistas e que não possuem respaldo científico.

Assim, analisamos a percepção ambiental das loizeiras. De acordo com a visão que temos da percepção ambiental, estabelecida a partir dos referenciais teóricos que tomamos como subsídio (Bowditch; Buon, 1992; Diegues, 2001; Marin, 2008), para compreendermos a percepção ambiental é necessário abordá-los em seu contexto social e histórico.

O estudo da percepção ambiental de uma comunidade é uma ferramenta essencial para a compreensão acerca de comportamentos vigentes e para planejamento de ações que promovam o desenvolvimento de posturas éticas e responsáveis perante o ambiente.

A fim de iniciar-se adequadamente o estudo sobre a percepção ambiental de uma população é necessário ter-se clareza a respeito do próprio termo. Para isso, é pertinente algumas reflexões sobre a palavra percepção.

Para Tuan (1980), percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. A percepção, portanto, implica interpretação. Já para Ballone (2003), percepção trata-se da apreensão de uma situação objetiva baseada em sensações, acompanhada de representações e frequentemente de juízos.

A percepção ambiental da população de uma determinada região sofre influências do sistema cultural e do modelo de desenvolvimento definido para a região. Este modelo de desenvolvimento, assim como a percepção ambiental, interfere na forma como o solo e os recursos naturais são manejados e conseqüentemente na qualidade ambiental e de vida da população.

Freitas, Matos e Oliveira, (2004) afirmam que nas últimas três décadas têm sido discutidas com maior ênfase, a preocupação com o ambiente. Sobretudo a utilização indiscriminada dos recursos naturais, que vem gerando uma escassez desses recursos, e isso têm levado governos e a sociedade civil a um maior aprofundamento no tema.

Os efeitos das atividades humanas sobre o ambiente, em geral, originam diversos impactos, definido como uma alteração, que pode ser considerada favorável ou desfavorável, no meio ambiente, que são produzidos por uma determinada ação ou atividade do homem.

Diante deste fato, torna-se importante a utilização racional dos recursos naturais, uma vez que, são compreendidos como fontes de valor econômico essencial para a sobrevivência e desenvolvimento de todos os seres vivos.

Um dos recursos que vem sofrendo utilização indiscriminada é a água. A água potável é um recurso natural que hoje forma uma equação perigosa, preocupando cientistas e autoridades no mundo inteiro, devido ao decréscimo da disponibilidade em todo o planeta, à crescente demanda somados ao mau uso. Isto ocorreu pois, durante milênios a água foi considerada um recurso infinito.

Para Montenegro, Nordi e Marques (2001) as relações entre populações humanas e os recursos naturais, afetam de modo direto e indireto todo o ecossistema, sobremaneira no ambiente sob influência urbana, quando tais relações devem ser consideradas nos planos de manejo dos recursos

naturais. A integração de conhecimentos construídos pelas comunidades com os conhecimentos gerados pela ciência ocidental permite uma análise contextualizada, com olhar multidisciplinar e interdisciplinar, conectada à realidade.

Cada comunidade possui formas peculiares de um modo de vida e de uma cultura, com suas formas próprias, que vão sendo repassadas para as gerações futuras. O universo científico não comporta todas as formas de saber, nem dispõe de mecanismos apropriados ao conhecimento que emerge de culturas portadoras de saberes ou conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade.

Os saberes tradicionais compõem um conjunto de informações, modos de fazer, criar e saber, que são transmitidos oralmente, transcendendo gerações, via de regra agregados à biodiversidade e que representam não somente o trabalho destas comunidades, mas constituem parte da sua cultura, suas práticas e seus costumes.

Tres, Reis e Schindwein, (2011) discutem que as formas peculiares de forma de vida trazidas por comunidades, gerado pela sabedoria construída a partir do contato direto com a natureza, relação homem-natureza, são conhecimentos e cultura construídas ao longo do tempo, que devem receber um olhar delicado, diante a relação do uso dos recursos naturais, para que a comunidade não perca suas raízes e culturas diante o manejo desses recursos, mantendo a manutenção da cultura, ali presente.

A proposta da pesquisa que ora apresentamos, é importante para a manutenção da cultura local em comunhão com a perspectiva de conservação dos recursos naturais.

Sendo assim, nesta pesquisa objetivamos identificar a percepção ambiental de mulheres loiçeirias, da comunidade Chã da Pia – Areia (PB - Brasil). Para tanto, traçamos um caminho teórico que versa sobre a importância do saber tradicional, a preservação da herança cultural e a conservação do ambiente.

Desta forma, esta pesquisa encontra-se dividida em 4 capítulos, os quais estão organizados em:

Capítulo 1 – *A cultura de produção de barro* – trabalhamos com o histórico da utilização do barro, a cultura e a produção de artefatos a partir do

mesmo, de acordo com Tylor (1871), Giddens (1991), Etchevarne (2000) e Amaral (2010). Que de acordo com a perspectiva de Barros (2005), afirma que a vida humana é indiscutivelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, mesmo que este indivíduo não seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão.

Percepção ambiental – surgiu com o propósito de emergir as questões envolvidas com percepção das entrevistadas quanto às questões ambientais, impactos causados pelo homem e a preocupação em manter o equilíbrio natural local, com referenciais a Bowditch e Buon (1992), Diegues (2001) e Marin (2008).

O Capítulo 2 - *Percurso Metodológico* - discutimos aqui o proceder metodológico para que se atinjam os objetivos definidos na pesquisa, descrevendo como se estruturam as categorias emergentes do estudo de campo. Apresentando os referenciais de Análise Temática, sobre a assinatura de Dias (2008) e Bardin (2011).

No Capítulo 3 – *Resultados e Discussão*, discutiremos neste capítulo o a percepção ambiental das “lojeiras”, a cultura permanente do local e a conservação ambiental com referenciais a Houaiss e Villar (2001), Alves (2004) Carvalho (2004), Neto (2005), Melazo (2005).

Por último, o Capítulo 4 expressa as *considerações finais* deste texto, encerrando, por hora, um diálogo entre artesãs e pesquisadora, rumo a uma compreensão da visão das entrevistadas sobre a percepção e conservação do ambiente e o destaque da cultura local a partir dos referenciais trabalhados anteriormente, ao longo de todo o texto.

CAPÍTULO 1

A CULTURA DE PRODUÇÃO DO BARRO

1.1 CULTURA

Iniciamos esse capítulo falando da etimologia da palavra cultura, que tem origem latina. Derivada do verbo colere (cultivar ou instruir) e do substantivo cultus (cultivo, instrução).

Ainda hoje se costuma usar a palavra cultura para designar o desenvolvimento da pessoa humana por meio da educação e da instrução. Disso vêm os termos culto e inculto, usados no jargão popular com uma carga de preconceito e de discriminação, considerando uma cultura (especialmente a letrada) superior às outras.

Porém, não existem grupos humanos sem cultura e não existe um só indivíduo que não seja portador de cultura. A cultura, pois, é um termo vasto e complexo, englobando vários aspectos da vida dos grupos humanos. Não existe ainda um consenso entre antropólogos acerca do que seja a cultura. Afirma-se que existem mais de 160 definições de cultura (MARCONI; PRESOTTO, 2006).

Tylor foi o primeiro a formular um conceito de cultura. Para ele a cultura é aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Poderíamos então afirmar que cultura é a forma ou o jeito comum de viver a vida cotidiana na sua totalidade por parte de um grupo humano.

Essa inclui comportamentos, conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, hábitos, aptidões, tanto adquiridos como herdados (MASSENZIO, 2005). A cultura não é uma herança genética, mas o resultado da inserção do ser humano em determinados contextos sociais. Desse modo a cultura pode ser definida como algo adquirido, aprendido e também acumulativo, resultante da experiência de várias gerações.

Porém, enquanto aprendiz o ser humano pode sempre criar, inventar, mudar. Ele não é um simples receptor, mas também um criador de cultura. Por

isso a cultura está sempre em processo de mudança. Em muitos casos pode até ser modificada com muita rapidez e violência, dependendo dos processos a que for submetida. Desta forma o ser humano não é somente o produto da cultura, mas, igualmente, produtor de cultura (LARAIA, 2009).

Existem muitas discussões sobre as relações entre culturas de sociedades diferentes e a cultura de uma sociedade em particular. E é nessas diferentes culturas, uma variedade de formas culturais se manifesta, e sempre se coloca a questão de como tratar esse assunto.

Desde o século passado tem havido preocupações sistemáticas em estudar as culturas humanas, em discutir sobre cultura. As preocupações eram voltadas tanto para a compreensão das sociedades modernas, quanto das que iam desaparecendo ou perdendo suas características originais, com o passar do tempo. Contudo, toda essa preocupação não produziu uma definição clara e aceita por todos do que seja cultura, pois pode-se "entender muita coisa" sobre o que é cultura (SANTOS, 2006).

De acordo com Santos (2006) a cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar. Porém pode-se falar que cultura é para se referir unicamente às manifestações artísticas (teatro, a música, a pintura, a escultura). E em outras épocas a cultura era identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida a seu idioma.

A cultura tem diversos conceitos e entendimentos, de acordo com os autores já mencionados, mas para as lojeiras a cultura está relacionada com o conhecimento intergeracionalmente construído a partir da oralidade. E esta prática cultural além de ser um trabalho de subsistência é ao mesmo tempo de preservação ambiental, pois elas utilizam o bairro sem afetar o meio ambiente. As lojeiras da comunidade Chã da Pia, são mulheres da tradição, guardiãs do conhecimento intergeracionalmente construído.

Com diferentes definições sobre o que é cultura, podemos concluir que cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou de grupos no interior de uma sociedade/comunidade.

E a palavra “comunidade” pode ser usada para descrever vários tipos de grupos. Mesmo considerando o amplo leque de aplicações, a definição do termo tem passado, sobretudo, pela dimensão subjetiva (LEANDRO, 2008).

Segundo Bauman (2003), comunidade seria um agrupamento muito integrado e baseado em relações sociais duradouras e multintegradas. E a partir das narrativas de Bauman (2003) que conseguimos compreender essas relações na Chã da Pia, deixando claro que é uma comunidade, por manter um agrupamento integrado a partir do seu artesanato, realizados pelas mãos das loizeiras.

O artesanato é a identidade desta comunidade, que foi pertencimento foi construída com o tempo, e que ao mesmo tempo as loizeiras não perderam a perspectiva do coletivo, e isto fica claro em suas narrativas:

E1: Eu compro a peça da menina lá de cima, só pra ajudar!!

Essa narrativa nos faz perceber a marca de solidariedade uma com as outras. E essa construção do artefato de barro faz parte da memória individual, assim como marcam a memória coletiva das loizeiras, tornando ainda mais forte a construção da identidade das loizeiras.

Muitas das artes feitas pelas mãos são transmitidas, preferencialmente e principalmente entre as mulheres. E boa parte das mulheres aprendeu o ofício ainda criança, vendo seus familiares mais velhos fazendo, e fazendo junto com eles. Muitas dessas práticas são transmitidas para as meninas de mãe para filha, de avó para neta, de tia para sobrinha ou de irmã mais velha, para a irmã mais nova, da qual é um conhecimento familiar e comunitário. As mulheres envolvidas no artesanato de barro não se concentram, portanto, em uma determinada faixa etária, ao contrário, são tanto jovens, como maduras e idosas, circunscrevendo um ciclo dinâmico de aprendizagem, participação e inovação (GALIZONI et. al., 2013).

Arte ancestral e vivência cotidiana, antiga e atual, não importa, esse dualismo só vem confirmar a presença constante do artesanato na vida das mulheres de comunidades tradicionais, que se desenvolveu com o artesanato.

Desenvolvidos como forma religiosa, forma decorativa, forma artística e, também como um *hobbies*

As práticas dessas atividades, sempre esteve presente em nosso meio cultural. Atividades esta, que veio de nossos ancestrais, a milhares de anos, quando eram utilizado artefatos para uso pessoal, utilizados por homens e mulheres.

1.1.1 A utilização do barro na produção de artefatos

A utilização do barro na produção de artefatos é uma prática bastante antiga, destacada por estudo arqueológicos, que contam a história de diversas culturas. De acordo com Santos e Silva (2012), a arqueologia trata da cultura material constituída por artefatos criados pelo homem em especial no passado, que vão desde ferramentas, utensílios, objetos decorativos, entre outros.

Estes artefatos são resultados de formas específicas e de determinadas organização de grupo humanos e como vetores de relações sócias, proporcionando condições para que estas se produzam e efetivam, a mostra de elementos materiais relacionada.

As histórias dos artefatos cerâmicos, são destaque em diversas pesquisas, quando tratam de cultura. Schaan (2007) destaca em um dos seus trabalhos, realizado na ilha de Marajó (Foz do rio Amazonas), que durante os primeiros 1.500 anos em que foi habitada, registros arqueológicos indicaram a existência de pequenas vilas, que nelas existiam povos que utilizavam principalmente a cerâmica. Estas cerâmicas apresentavam-se bastante duradouras e em geral bem acabadas, encontradas na forma de vasilhas de paredes grossas e pesadas e com pouca expressividade em termos decorativos (CARNEIRO, 1970).

Na ilha de Marajó, artefatos cerâmicos eram utilizados para fazer rituais, principalmente em sepultamentos. Esses artefatos eram utilizados para manter o contato dos parentes em vida, com aqueles que já se foram. As cerâmicas eram utilizadas, acredita-se, por diferentes grupos sociais, podendo observar a partir das expressões e desenhos produzidos nas cerâmicas. (SCHAAN, 2007).

Em alguns estudos arqueológicos, a pesquisadora Guidon (1998) encontrou na Toca do Sítio do Meio, localizado no Piauí - Brasil, dois fragmentos cerâmicos, associados a uma fogueira, que proporcionaram amostras de carvão datadas em quase 9.000 anos de idade. (ETCHEVARNE, 2000).

Diante desses fatos, pode-se observar que a utilização de artefatos de barro é milenar e que seu uso era constante em diversos grupos sociais e essa cultura era repassada para as gerações seguintes, como forma de manter tanto o contato com aqueles que já morreram como forma de preservar a cultura.

Encontrados pela pesquisadora Maranca (1976) em suas escavações no sudeste do Piauí - Brasil, no sítio Toca do Pingo do Boi, alguns fragmentos entre 3.000 e 3.300 anos, aproximadamente. Outros sítios proporcionaram datações mais recentes, como Toca do Morcego, com cerca de 2.800 anos, Toca do Gongo I, com quase 2.100 anos, e Aldeia de Queimada Nova, em mais ou menos 1.700 anos atrás. (ETCHEVARNE, 2000).

Pesquisadores da Universidade de Sergipe, reunidos no Projeto Arqueológico Xingó, vêm desenvolvendo um programa de pesquisas em toda a região atingida pela barragem da hidroelétrica. Iniciado como um salvamento arqueológico, importantíssimos para a compreensão da ocupação humana do Vale do São Francisco. O museu disponibiliza artefatos e esculturas, com mais de 2000 anos, que mostram a cultura já pertinente nos povos indígenas (OLIVEIRA, 2010).

No que se refere à cerâmica, o sítio do Justino, em Canindé de São Francisco (Sergipe – Brasil), teve uma sequência de ocupações ceramistas que remontam a mais de 4.000 anos atrás até cerca dos 1.300 anos. De acordo com Diniz (1998) as datações de outro sítio, o São José II, entre, aproximadamente, 4.100 e 3.500 anos de idade, não fazem senão corroborar a antiguidade da cerâmica nessa região sertaneja (ETCHEVARNE, 2000).

Em outro sítio, conhecido como Gruta do Padre, em Pernambuco - Brasil, estudos arqueológicos mostram que a cerca de 2.300 anos, já existia uma ocupação de grupos ceramistas, naquele local (ETCHEVARNE, 2000). O que torna evidente que os trabalhos manuais em cerâmica já é uma cultura antiga e que ainda está presente nos dias atuais.

Os artefatos cerâmicos sempre estiveram presentes em diversas culturas, não só no Brasil, como em outros países. De acordo com Pileggi (1958) na Europa, o crescimento cultural e histórico do povo europeu, deu-se a partir da cerâmica. E foram também as cerâmicas que tiveram grande influência no desenvolvimento das artes no Velho Mundo, acompanhando a história da Idade Média, do Renascimento, da Revolução Francesa, bem como da era Napoleônica.

Mas, foi em Portugal que a cerâmica apresentou um salto de influências para outras culturas. Valle, Dazzi e Portella (2014), destacam que nos séculos XVI, XVII e XVIII, a cerâmica portuguesa desenvolveu-se e, assim como a espanhola, recebeu influência significativa dos árabes. Os oleiros portugueses acrescentaram nestes artefatos, características muita criatividade e sensibilidade, vindo a produzir louças, peças artísticas e azulejos de grande qualidade e acabamento.

Pileggi (1958) afirma que século XVII, em Portugal, surgiram excelentes ceramistas que modelavam peças de uso doméstico e objetos de ornamentação que se sobressaíam pelo colorido dos esmaltes e pela originalidade. Eram produzidos vasos, louças de cozinha, azulejos e esculturas que eram exportadas principalmente para o Brasil, e vinham nos lastro dos navios (GOMES, 2011).

Esta herança trazida de Portugal no início da colonização no Brasil, demonstra a influência lusitana nos nossos costumes e na nossa arquitetura, que inicialmente não passava de um simples produto de importação. Depois de algum tempo, este material tornou-se indispensável na decoração da nossa arquitetura, que garantia uma proteção eficaz contra as intempéries de um país tropical, como a abundância de chuva e a ação do sol (AMARAL, 2010).

Sabemos que o Brasil se utilizou de estilos artísticos, tais como o barroco, o neoclássico e o eclético, para de muitos dos seus projetos arquitetônicos, no período colonial, e a cerâmica foi um desses instrumentos de composição desses estilos. A grande maioria dos azulejos existentes nas fachadas dos prédios destes estilos vinha importada da Europa, especialmente, de Portugal e da França.

Foi a partir da ineficácia das Capitanias Hereditárias, período em que foi centralizada a administração no Governo Geral, na pessoa de Tomé de

Souza em 1549, que a azulejaria no Brasil teve início. Com ele vieram os primeiros obreiros para um planejamento civilizador, que tinham como objetivo de organizar as cidades e vilarejos. Já os artistas e os artífices eram de Portugal, que traziam sua formação estética da Europa, ou ainda alguns destes nascidos no Brasil (AMARAL, 2010).

Nas igrejas e conventos do século XVII, o azulejo decorativo torna-se peça imprescindível e eram encomendadas de Portugal, fabricadas por milheiros. Em 1522 com a chegada do primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha a cidade de Salvador (Bahia - Brasil), estabeleceu as hierarquias eclesiásticas, os franciscanos, os beneditinos e os jesuítas que fundaram suas casas de catequese (AMARAL, 2010).

Os azulejos do século XVII trazidos para o Brasil e principalmente os encontrados na Bahia, foram chamados de “tapetes”. Sua decoração era simétrica com cores, azul, amarelo e branco, de origem muçulmana, com ornamentações geométricas, laçarias, florais (AMARAL, 2010).

Embora o Brasil tenha sofrido influência de artefatos advindos de Portugal, houve também, influências de outros países. De acordo com Cavalcanti (2009), durante a ocupação dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1654) vieram azulejos da Holanda para os palácios construídos na época do príncipe Nassau. Geralmente, as peças tinham uma figura central dentro de algum tipo de friso, ou apenas uma figura popular e os cantos contendo desenhos de aranhaços, labirinto chineses, cabeça de boi ou flores-de-lis. Porém, as peças não eram tão bem acabadas como as portuguesas e apresentavam dimensões menores (SCOLARI, 2012).

De acordo com Simões (1965) é precisamente no Brasil, e ainda no século XVIII, que o azulejo sai dos interiores das casas e vai revestir as fachadas, como um elemento decorativo. Mas, acreditava-se que a utilização de azulejos como revestimento, garantia a proteção eficaz contra as intempéries deste país tão tropical.

No Nordeste Brasileiro não foi diferente, a azulejaria marcou a arquitetura dos municípios dessa região, principalmente na Bahia, no Recife, como também no Sudeste, na cidade do Rio de Janeiro. Alguns exemplos mais significativos são os azulejos da Capela Dourada no Recife (PE), assinados por Antônio Pereira; os do Mosteiro de Santo Antônio, no Rio de Janeiro (RJ), os

da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Cachoeira (BA) e no Convento de São Francisco (BA) (AMARAL, 2010).

Houve várias discussões sobre a real utilização do azulejo no Brasil. Apesar de historiadores renomados e conhecidos como pioneiros em pesquisas em azulejos, alguns pesquisadores afirmam que as utilizações desses artefatos foram ocasionados apenas pelo mimetismo.

De acordo com Queiroz e Portela (2014) o novo burguês de gênese liberal teve um papel fundamental na difusão deste gosto e no posterior mimetismo por parte de alguma classe média, quando as elites já rejeitavam os revestimentos completos de fachadas, sendo disso exemplo alguns edifícios portugueses do período Arte Nova.

É aí que podemos concluir que a utilização destes artefatos pela sociedade em fachadas não foi apenas para solucionar problemas relativos ao clima, mas também por influência burguesa, e que eram copiadas por parte determinadas classes sociais. As utilizações dos azulejos em fachadas estavam mais relacionadas com imagem cosmopolita e dentro da moda, por questões sociais ou comerciais.

Os painéis de azulejos que ornaram a capela dourada, todos eles mais ou menos do tipo dos azulejos existentes em várias igrejas franciscanas do Brasil, foram comprados no ano de 1704. E são figuras simples de motivos profanos.

Queiroz e Portela (2014), ainda afirmam que, foi a generalização do fenômeno da azulejaria de fachada, em Lisboa e no Porto, que levou o Brasil a aderir as mesmas soluções decorativas, precisamente por parte daqueles que tinham maiores condições financeiras e pretendiam destacar-se dos seus patrícios através de novidades decorativas, e que os deixavam num patamar superior de cosmopolitismo.

A nivelação social, baseada no poder aquisitivo e já não tanto em velhas prerrogativas, evidenciava-se muito através da ornamentação dos edifícios. Esta era a época que quanto mais fosse necessário demonstrar a ascensão na sociedade, maior tendência existiria para adotar soluções de ornamentação como a azulejaria, a estatuária e outros artefatos evocativos da arquitetura palaciana. (QUEIROZ; PORTELA, 2014).

No livro *Casa Grande & Senzala* (2003) de Freyre, ele afirma a conexão existente entre o uso do azulejo, por parte do colono português no Brasil não só pelo gosto, mas também pelo asseio, pela limpeza, pela claridade, daquele instinto ou senso de higiene tropical.

Fica claro que a utilização da azulejaria no Brasil se deu pelo mimetismo dos países desenvolvidos, demonstrando para a população o poder daqueles que os utilizavam em suas faixadas, formando paredes com um belo colorido, como também a sua utilização como o anseio pela limpeza.

Com a produção de artefatos, houve um aumento de sua utilização em vários países e por pessoas de diferentes tipos financeiros, essa arte não se prendeu apenas nos azulejos, mas se desenvolveu muito, desde produções de porcelana mais delicada para a confecção de xícaras ou a cerâmica rústica, utensílios domésticos e construções civis, uma miríade de produtos foram produzidos durante milênios a partir da queima de misturas de diferentes tipos de barro, juntamente com diversas cores.

Já vimos que diversos estudos (MARANCA 1976; GUIDON 1998; ETCHEVARNE, 2000; AMARAL, 2010) apontavam a presença desses artefatos a milhares de anos, em sítios de várias cidades do Nordeste. E nessa região do que encontramos um lugar rico em práticas artesanais, desde o tempo pré-histórico e que sobrevivem mesmo com o avanço da tecnologia, que por algumas vezes se alia a ela para conseqüentemente favorecer o desenvolvimento no mercado. As práticas artesanais são atividades que vão além da sobrevivência, são práticas transmitidas de geração a geração.

Em sua pesquisa escolar, a pesquisadora Vainsencher (2003), filiada à Fundação Joaquim Nabuco, destaca:

Remanescente do processo pré-industrial de produção, a elaboração artesanal consiste em um sistema de produção que se situa entre a arte popular e a pequena indústria. Tal sistema está subordinado ao meio ambiente, ou seja, à abundância local de determinada matéria prima, e representa uma alternativa de emprego e renda firmada na tradição: o indivíduo produz determinado objeto, de uma determinada forma, porque os seus pais e avós faziam assim (VAINSENCHER, 2003, p. 1).

Sendo assim, para o artesão (e para a atividade a que ele se propõe) é importante que sua identidade e cultura local seja marcante de não padronização, em um mundo que se apresenta cada vez mais massificado.

Além de mostrar-se importante como material de construção, a produção de artefatos se mostrou fundamental como identidade com o local, identificação com a arte. Que segundo Castells (1942) a construção de identidades é:

Valer-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. (CASTELLS, 1946, p. 23).

É com esse olhar que percebemos o lugar de importância que tem a “lojeira” e seu modo de vida na constituição da identidade cultural brasileira e, portanto, nessa atmosfera cultural que se mistura e processa os brasileiros originais fortalecendo o orgulho nativo que deveria ancorar a consciência da nacionalidade.

Para que haja uma permanência da identidade do homem nas suas bases sociais é indiscutível que “a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro” (SANTOS, 2002, p. 329).

É fundamental reconhecer a cultura em sua forma mais ampla, multifacetada e insubstituível, porque é essa riqueza de traços que faz dela o centro do desenvolvimento econômico de um local, a cultura não só gera riqueza, como faz isso através da construção da autoestima, da coesão social, da construção da identidade dessa sociedade.

A cultura da utilização do barro, traz consigo a identidade de um povo/comunidade, traz traços fortes de cada história vivida, que são repassadas de geração para geração, como práticas artesanais.

A cultura artesanal de artefatos de barro é bastante presente em diversos Estados do Nordeste, Dantas (2015) destaca que Alagoas é rica em artesanato de raiz, aquele que se refere ao forte vínculo com a comunidade

onde vive o artesão e aquele que exerce mais influência em seu meio do que as forças comerciais e culturais externas.

O que também está ligada à cultura do barro e a importância da cerâmica para além da estética europeia é a culinária. A arte do barro está estreitamente ligado a forma de como nos alimentamos e produzimos alimentos, pois eram em panelas de barro que os alimentos eram preparados antigamente, advindos de uma forte cultura de um povo.

Assim, partimos do pressuposto que a manutenção de tipos de comidas e gostos típicos de um determinado local tem ligação direta com a identificação das pessoas que partilharam esta formação gustativa (memória gustativa), e isto é compreendido na comunidade pesquisada, quando a loiça de barro apresenta formação simbólica (memória) para o local.

Podemos concluir que o barro, em especial, tem forte presença nos polos artesanais do mundo, localizados principalmente em torno das principais culturas indígenas que povoaram a terra em outros tempos. De fato, a cerâmica foi tão importante para o desenvolvimento da sociedade humana que o estudo de fragmentos cerâmicos é usualmente utilizado para a determinação de níveis culturais e organizacionais de sociedades pré-históricas.

As Panelas de Barro encontradas em contextos arqueológicos datados do século XIX e início do século XX apresentam o mesmo padrão das que são produzidas atualmente e que este fator pode indicar algum tipo de manutenção cultural por parte das pessoas que a produzem (REGO, 2013)

1.1.2 A Cultura da produção dos artefatos de barro

Se pararmos para observarmos a natureza, podemos perceber que o barro já era utilizado para fazer moradias, a milhares de anos, de uma forma arquitetônica e deslumbrante, utilizado até mesmo pelo pássaro “João de Barro” (*Furnarius rufus*), que segundo Santiago (2009) “João de Barro” também é conhecido como barreiro, João-barreiro (Rio Grande do Sul), Maria-barreira (Bahia), forneiro, pedreiro, oleiro, hornero (Argentina) e amassa-barro. É conhecido por seu característico ninho de barro em forma de forno e na direção contrária à da chuva.

Como “arquitetos naturais”, o João de barro inspirou o homem a utilizar o barro para fazer moradia, e com o tempo passou a fabricar utensílios doméstico. Segundo Regadas (2007), como matéria prima das construções milenares, a argila tem sido úteis a humanidade desde os primórdios da civilização.

A argila faz parte de quase todos os tipos de solo e também podem ser encontradas no estado puro em depósitos minerais. Segundo Lima (2006) a argila pode ser classificada como “Gorda” quando ela é rica em material argiloso e pobre em desengordurantes sendo mais plásticas e escorregadias ao toque além de porosas e pouco resistentes a impactos, porém de grande resistência ao calor depois de cozidas; e “Magra” quando pobre em material argiloso e rica em desengordurante, por isso mais impermeáveis que as “Gordas” porém menos plásticas.

A argila, presente em diversas culturas e bastante utilizada nos dias de hoje, mostra-se arquitetônica nas mão de artesã, que depositam todo o seu amor e delicadeza em cada peça produzida, traduzindo o seu pensar em imagem concreta.

E assim como o nosso pensamento, as mãos também devaneia, admite Bachelard (2001) aludindo a “poesia” da mão:

Se a poesia deve reanimar na alma as virtudes da criação, se deve nos ajudar a reviver, em toda a sua intensidade e em todas as suas funções, nossos sonhos naturais, precisamos compreender que a mão, assim como o olhar, tem seus devaneios e sua poesia (BACHELARD, 2001, p.66).

As mãos são realizadoras de esforços, elas revelam os traços da experiência, as marcas de trabalho pesado, a delicadeza de um recém-nascido, as mãos estão na profissão de alguém. É nas mãos que reconhecemos e diferenciamos cada indivíduo, pois é nas mãos que estão as impressões digitais, garantindo que cada ser seja único.

E são com esses órgãos do tato que as artesãs dedica horas e horas em cada trabalho desenvolvido. E a qualidade de seu trabalho vai de acordo com a delicadeza e dedicação ali depositada em cada peça desenvolvida.

Talvez esses trabalhos sejam elaborado a partir do sonhos mais concentrados, que foi esquecido depois das maquinas, como destaca Focillon (2012), em sua fala:

Teremos banido de nossas reflexões, como artesãos de habilidade em tudo maquinal, aquelas que, com uma paciência delicada e infalível, despertaram em matérias seletas e sob formas refinadas os sonhos mais concentrados? (FOCILLON, 2012, p.18).

É sob formas refinadas que o barro vai ganhando formas, criadas com paciência, aprendida com a relações fraternas, transmitidas de geração a geração.

Para Paz (1991), os objetos feitos pelas mãos expressam vida física compartilhada em sua constante oscilação entre beleza e utilidade, prazer e uso. Eles nos dão lições de sociabilidade. As mãos que amassam a massa experimentam, nas palavras de Bachelard (2001, p. 66), “Uma alegria que se espraia ao outro”.

A cultura de utilização do barro se expandiu e tornou a atividade conhecida em todos os lugares, e isto tornou os produtos acessíveis a toda população que tinha interesse. O aumento em sua produção e venda fez com que o produto passasse a ser comercializados para lojas de artesanato, turistas e restaurantes que servem comidas em produtos derivados do barro, principalmente aqueles que servem comidas regionais.

Embora tenha surgido o conhecimento e expansão dos artefatos em barro, o mundo atual carrega consigo as marcas da sociedade moderna da qual se configuram as mudanças em uma rapidez incontestável. Essas mudanças são perceptíveis nos contextos das atividades humanas, perceptíveis ao olho nu, e estas se faz com intervalos de tempo tão pequenos, que podemos compara-los a um piscar de olhos.

As mudanças dos dias atuais podem ser notadas na constante renovação de saberes, sejam esses saberes da tradição ou aqueles adquiridos no ciclo acadêmico, do dia-a-dia, na internet. Os saberes são renovados a cada hora, a cada minuto, e até mesmo a cada segundo.

As questões culturais, na era das tecnologias, são muito discutidas em função da busca da diversidade para a formação das identidades. Ter uma

identidade é alcançar a consciência da persistência da própria personalidade; é o conjunto de características e circunstâncias que distingue uma pessoa ou uma coletividade de outros (MEDEIROS, 2002). A construção ou compreensão de uma identidade nos faz perceber nossa cultura original e também compreender a incorporação de outras. (RIBEIRO, 2002).

De acordo com Giddens (2005) a modernidade propõe uma invenção ou reinvenção das tradições. Segundo o autor, os modos tradicionais de vida vêm-se transformando, ao afirmar que:

(...) sobre o plano extensional, novos fatores serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, eles vieram a alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. (GIDDENS, 1991, p. 14).

A tradição, segundo Giddens (1991, p. 80), “É uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente”. As tradições, nessa realidade globalizada, torna-se uma espécie de referência, uma ligação entre o presente e o passado, que remete lembranças.

As tradições, no mundo moderno são reconstruídas e reinventadas e muitas vezes perdidas. Vivemos numa ordem pós-tradicional, que segundo Giddens (2002) “A modernidade é uma ordem pós-tradicional, mas não uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito tenham sido substituídas pela certeza do conhecimento racional” (p.10).

A modernidade é uma cultura do risco no contexto dos saberes da tradição. Trazendo novos parâmetros pouco conhecidos ou desconhecidos em épocas anteriores. Enfraquecendo a cultura de alguns povoado/comunidade (BAUMAN, 2001).

A modernidade propõe uma invenção ou reinvenção das tradições e isto podemos observar em Chã da Pia, pois houve a reinvenção das tradições, da qual fazem parte da historicidade da cultura local e do saber tradicional. As tradições, no mundo moderno são reconstruídas e reinventadas de modo a influenciarem as configurações do presente e as orientações para o futuro.

Podemos concluir, que na modernidade nos deparamos com uma reconfiguração do tradicional. A modernidade propõe uma reinvenção das tradições, rompendo com aqueles valores vinculados totalmente ao passado. As referências certas e seguras proporcionadas pela inquestionável tradição usadas pelos sujeitos como norteadoras no desenvolvimento das suas ações sociais são substituídas por novas referências, reinventadas, reincorporadas. Neste sentido, a modernidade expressa a descontinuidade, a ruptura entre o que se apresenta como o novo e o que persiste como herança do velho (SILVA, 2005).

O tradicional, nessa realidade globalizada, torna-se uma espécie de referência, uma ligação entre o que se vive no presente e o que foi vivido no passado. É uma recordação da história, é o que permite sua delimitação e seu contexto, assim, não é totalmente perdido. E assim conseguimos observar na pequena comunidade de Chã da Pia a tradição reinventada, mas com a herança do velho.

Com esta nova configuração, novos rumos foram sendo seguidos aproximando-se ao que existe nos dias atuais. A tradição utilitária da panela de barro que não foi perdida está associada à culinária, voltada em grande parte para o preparo de comidas típicas da região, utilizadas principalmente por grandes restaurantes das cidades circunvizinhas.

Portanto, há nesta comunidade uma tradição de transformar o barro em objetos, loiças, pensada aqui como um conjunto de práticas sociais, saberes e fazeres, compartilhados e reproduzidos ao longo da história desse local e dessas famílias artesãs. O aprendizado da produção artesanal não é obtido na escola, mas no próprio convívio com esse universo da criação, da experimentação, da arte.

Alguns autores defendem que a modernidade esteja pondo em risco algumas culturas, porém Sahlins (1988) argumenta que, o sistema mundial não coopta as culturas nativas, uma vez que as forças capitalistas, comumente ganham novos significados, em lógicas nativas completamente diferentes da lógica economicista ocidental.

Talvez a arte de fazer panela de barro e outros artefatos de barro não perderam a sua originalidade pela razão de estar em contato permanente com outras manifestações culturais presentes na sociedade englobante, e nem com

a modernidade do mundo atual, ainda assim, no decorrer do tempo foram agregados valores que permitiram a preservação da cultura em questão, mesmo com a diminuição da tradição, entre os familiares.

Ao decorrer desse processo histórico da cultura em fazer artefatos de barro, é notável que não ocorreu nenhuma alteração significativa nos instrumentos utilizados, para fazer, por exemplo a panela, que utiliza-se o barro apropriado, a pedra para o “alisamento” das panelas, a cuia (utilizada no acabamento das peças), a tintura e o forno a lenha. Também não sofreu alteração significativa, o modo de preparação da panela, sendo algo totalmente artesanal sem instrumentos industrializados.

A utilização desses instrumentos e a técnica utilizada para a produção das panelas de barro asseguram uma demarcação reconhecida socialmente, mantendo a “autenticidade”, de cada comunidade que faz esse tipo de atividade. Percebemos, portanto, que existe um limite cultural que se mantém, mesmo diante dos fluxos presentes.

E é isso o que podemos presenciar e notar algumas peculiaridades entre um grupo de mulheres da comunidade Chã da Pia (Areia-PB, Brasil). Muito embora a produção de “loiça” na Chã da Pia possua valor cultural devido às técnicas tradicionais de produção assimiladas de uma herança cultural, o que torna essa peça única, não se limita às especificidades de sua produção, mas diz respeito à sua carga simbólica.

A atividade de produção de “loiça” reforça na população da comunidade um sentimento de identidade quando encontra correspondência no mito de origem da mesma.

Foram esses saberes culturais e/ou populares que contribuíram para a construção das “loiças” na comunidade. Os saberes populares, por sua vez, são aqueles que as pessoas possuem acumulados durante sua vida e servem para explicar e compreender aquilo que as cerca. Lakatos e Marconi (2003) definem o saber popular como aquele “transmitido de geração em geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal” (p.75).

Conforme discute Bastos (2013):

As diferentes populações humanas apresentam um arsenal de conhecimentos sobre o ambiente que as cerca. Propriedades

terapêuticas e medicinais de animais e plantas, a percepção dos fenômenos naturais, como as estações do ano, tempo para plantar e colher, classificação de animais e plantas, organização de calendários, dicionários, sazonalidade de animais e sua relação com aspectos da natureza são organizações que formam um cabedal de saberes que comumente são chamados de conhecimentos tradicionais.” (BASTOS, 2003, p. 195).

Esses conhecimentos não possuem o mesmo rigor e nem sempre trazem a pretendida veracidade de um conhecimento científico, mas carregam enorme riqueza cultural e de experiência de vida. Associados a conhecimentos adquiridos em anos de trabalho e de vida, e sendo parte da cultura do indivíduo e de um grupo social.

Esses ricos conhecimentos, são encontrados na comunidade Chã da Pia, dos quais foram repassados entre as mulheres, como forma cultural da comunidade, que contribuíram e contribuem para a produção das “loiças”. Que de acordo com Gondim (2007), são conhecimentos obtidos empiricamente, a partir do “fazer”, que são transmitidos e validados de geração em geração, principalmente por meio da linguagem oral, de gestos e atitudes.

No estudo realizado na comunidade Chã da Pia, é fácil observar que a fabricação de “loiças” faz parte do cotidiano das mulheres, constituindo a identidade social e cultural do grupo.

Em suma, as “loiçeirias” são sinônimas de tradição, luta e arte. Motivos que nos chamaram a atenção para a necessidade de um estudo antropológico/etnográfico que reflita acerca dos traços singulares deste estilo de vida atrelado às práticas tradicionais da “cultura do barro”, em meio a um espaço urbano “moderno”, além das dificuldades encontradas com a falta de água à qual a região está submetida.

Essa cultura do cultivo do barro tem uma íntima relação com a questão ambiental e que esta cultura faz parte do registro oral da comunidade, pois não existe uma produção escrita dessa arte, e que neste trabalho lanço mão da parte escrita desses registros.

1.1.3 Os saberes da tradição na manutenção da cultura na comunidade

Ao falarmos em cultura, conseqüentemente é citar o antropólogo inglês Tylor (1871), considerado o pai do conceito moderno de cultura quando ofereceu pela primeira vez uma definição formal e explícita do conceito: “Cultura... é o complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, p. 25, 1871).

A partir dessa definição apoiada por Tylor (1871), ela abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, que transmitida por mecanismos biológicos, marca fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata (BARROS, 2001).

Os processos de transmissão tradicionais de conhecimentos entre as distintas gerações são fundamentais para a reprodução sociocultural de toda e qualquer comunidade/povoado. Esses conhecimentos devem ser incentivados e fortalecidos, visando à manutenção dos saberes e das práticas.

A transmissão da tradição, ancorada nas lembranças e aprendizados passados que se alojam na memória individual e coletiva, através da experiência socialmente compartilhada, de cada ser que adquire os conhecimentos. A transmissão da tradição, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como cultura humana (MORIGI, ROCHA, SEMENSATTO, 2012).

Nos tempos atuais, ainda existe comunidades que visam, principalmente, à preservação, ao desenvolvimento e à transmissão de sua identidade étnica, dos padrões culturais às futuras gerações (CAPOTORTI, 1979).

As culturas, onde os saberes tradicionais são preservados, estão em constantes desenvolvimento e aperfeiçoamento, e isso se dá com a transmissão deles entre as gerações. Ainda que os conhecimentos tradicionais sejam complexos e amplos, a exploração desse tipo de conhecimento, pode ser prejudicial aos povos, e a própria cultura poderá não resistir as intervenções de culturas estranhas (CAMARGO, SURGIK, DANTAS, MARTINS, SOUZA, 2006).

As culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, quando trabalho realizado ainda não se tornou mercadoria, embora a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas sociedades não visam diretamente o lucro mas a reprodução cultural e social a partir de manejo dos recursos naturais (DIEGUES, 2000).

Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais muitas vezes marcados pelo respeito, visando a capacidade de regeneração das espécies animal e vegetal. Esse respeito advém de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos (DIEGUES, 2000).

Grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade, já que não há registros escritos desses conhecimentos culturais. Esses processos ocorrem de pessoa a pessoa e desta forma a comunicação exerce um papel fundamental para a preservação e a continuidade das tradições (MORIGI, ROCHA, SEMENSATTO, 2012).

Essa sofisticada tradição que advém desde antepassados, e encontrada na comunidade Chã da Pia envolve algumas mulheres, em uma produção artesanal que encanta por sua originalidade, brilho e delicadeza. Passada de geração em geração, a técnica, exigente de destreza e paciência, está incorporada à formação, rotina e vida das mulheres dessa comunidade. Que ainda meninas, aprendem essa prática de fazer “loiça”, que tornou-se uma importante fonte de trabalho e que muitas vezes foi sustento para as famílias.

O artesanato resistiu ao tempo e até hoje faz parte do cenário de luta e trabalho das mulheres dessa comunidade. Essa atividade representa não apenas uma fonte de renda, mas é também um dos símbolos da cultura imaterial (enquanto ofício tradicional) que traz como resultado representações (as “loiças”) da rica cultura material elaborada por gerações.

O meio cultural está intimamente relacionado com a manutenção da vida, das relações humanas e destas com o meio social e com a natureza, que é o supedâneo para que o ser cultural se desenvolva (DERANI, 2001).

Toda essa relação do homem com a natureza colocam questões a serem analisada, como por exemplo, os problemas ambientais, tendo em vista a relação homem-natureza. De acordo com Gonzales, (2003) os bens materiais e imateriais, tangíveis e intangíveis que compreendem o patrimônio cultural são

considerados “manifestações ou testemunho significativo da cultura humana”, reputados como imprescindíveis para a conformação da identidade cultural de um povo.

Em se tratando do patrimônio natural, os usos desses recursos naturais é essencial para a garantia de uma vida digna para o homem, e até mesmo para a população animal. Apesar disso, há uma preocupação na conservação do patrimônio natural, em especial a intenção de reservar informação genética nas áreas protegidas para uso futuro (ZANIRATO, RIBEIRO, 2006). A conservação do patrimônio natural é garantir que as culturas também sejam conservadas.

1.2 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Conservar um bem natural ou preservá-lo? Foi essa simples pergunta que nasceu no âmbito do debate entre ambientalistas norte-americanos no final do século XIX. A conservação ambiental para os conservacionistas representa manter uma área protegida, porém, utilizá-la sem colocar em risco sua dinâmica natural e atributos físicos. Já os preservacionistas são mais radicais no assunto (ZANIRATO, RIBEIRO, 2006).

A relação do homem com o ambiente natural é uma preocupação que persiste há vários anos. E nesta atualidade, a sociedade se depara com a constatação da “sociedade de risco”, na qual os indivíduos se confrontam com os danos causados por eles mesmos, no ambiente em que vivem (OLIVEIRA, CORONA, 2008).

Essa constatação pode conduzir a reflexão sobre os valores e as ações que os sujeitos possuem frente ao meio ambiente. E a percepção ambiental pode ajudar nesse contexto, pode se tornar uma ferramenta importante na preservação do mesmo, pois, assim irá permitir a partir da observação, sensibilizar sobre as questões ambientais (OLIVEIRA, CORONA, 2008).

A percepção é um termo derivado do latim “*perceptione*”, é definido na em alguns dos dicionários da língua portuguesa (Dicionário online de português, dicionário Informal) como: ato, capacidade ou efeito de perceber alguma coisa. De acordo com Marin (2008) essa percepção do algo, dar-se a partir dos nossos sentidos: visão, tato, olfato, paladar, audição

A visão, por sua vez, tem o papel importante em trazer para nossos olhos, informações do que existe ao nosso redor e transmite essa informação até o nosso cérebro. O que torna responsável pela criação de uma imagem a partir das informações retiradas do meio, construído a partir disto, uma percepção (HOFFMAN, 2001).

É a partir dos sentidos que a percepção ambiental é entendida, dada e classificada pelo o que o homem pode enxergar, como sendo um objeto externo. E de acordo com Okamoto (1996), é a partir dessa percepção sobre o ambiente, que o comportamento do homem é revelado, quando destaca:

[...] Sensacionam-se os estímulos do meio ambiente sem se ter consciência disto. Pela mente, seletiva, diante do bombardeio de estímulos, são selecionados os aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção, e só aí que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento (OKAMOTO, 1996, p. 200).

A percepção do ambiente ocorre em diferentes visões e posturas frente as diferentes maneiras de se compreender essa questão, pois para alguns autores, o estímulo físico dos sentidos: visão, audição, paladar, tato e olfato, refere-se a sensação, e não a percepção.

Para Bowditch e Buono (1992), é preciso compreender como e por que as pessoas assumem e mantêm certas formas de comportamento, a partir dos conceitos de sensação e percepção. E com o conhecimento dessas sensações irá ajudar a explicar os 'como' e 'porquês' do comportamento.

Há uma parcela da sociedade mundial, que apresenta uma noção de que uma quantidade enorme de recursos naturais é necessária para manter o estilo de vida de uma parcela da população que vive com alto nível de conforto, o que só pode ser oferecido com o comprometimento da qualidade ambiental do planeta (MEC, 2000).

A problemática ambiental ocorre em diferentes visões e posturas frente as diferentes maneiras de se compreender a questão ambiental. Nesse sentido, Raynaut (2004), afirma que é preciso reconhecer que o conceito "meio ambiente" diz respeito, em primeiro lugar, à relação homem e o meio físico e biótico e, em segundo, que é uma noção multicêntrica.

O desenvolvimento da civilização humana sempre esteve ligado ao ambiente. As sociedades utilizavam os recursos disponíveis na natureza para sobreviver e desenvolver suas atividades (RIBEIRO, 2003). Desde muitos anos atrás o homem já tinha uma relação com o ambiente, utilizando de muitos dos recursos naturais para desenvolver moradias, matar sua fome e “curar” possíveis doenças.

Segundo Carvalho (1991), a relação que o ser humano estabelecia com a natureza, era de modo tão interligado que não se pensava em um ambiente como algo além do humano, de modo que as diferenças entre as pessoas existiam apenas no momento em que dependiam de atributos físicos para a divisão dos trabalhos comunitários.

O homem em toda a sua vida modificava o ambiente para sanar suas necessidades e desejos. Essas modificações não eram pensadas nos enigmas das quais o ambiente irão trazer, e muitas destas modificações podem afetar a qualidade de vida de gerações seguintes. E o próprio homem percebeu que, com as agressões que fazia a natureza, estavam lhe trazendo resultados negativos.

Um dos grandes problemas ecológicos dos dias atuais reside no fato de que o ritmo de exploração, degradação e destruição dos recursos naturais está mais acelerado do que a capacidade de resiliência da natureza (JUNIOR, 2012).

A percepção do ambiente é compreendida e está carregada de afetos que traduzem juízos acerca dele. Estão juntos o cognitivo e o emocional, o interpretativo e o avaliativo. A partir da compreensão da percepção ambiental formamos ideias sobre o meio ambiente e intenções modificadoras. Isto é resultante tanto do impacto objetivo das condições reais sobre os indivíduos quanto da maneira como sua interveniência social e valores culturais agem na vivência dos mesmos impactos. (KUHNEN, 2009).

Diversos meios são utilizados por muitos especialistas (rádio, televisão, redes sociais), para impactar a população diante do caos em que vive o nosso planeta, esses tentam mostrar que os recursos naturais são finitos, ao contrário do que se pensa. Mostrando que a exploração excessiva desses recursos é quase que um caminho sem volta, colocando em risco o futuro das gerações seguintes.

Porém, essa não é uma tarefa fácil de ser entendida, pois a percepção ambiental vai além do sentido, do ver. Diversos autores (MELAZO, 2005; TOURAINE, 2006; ADDISON, 2003; RIBEIRO, 2003) defendem que essa visão do meio ambiente está de acordo com a cultura, história, idade, sexo, educação, erudição, classe social, economia, política, religião, individualidade, preferências, atitudes e atribuições do meio ambiente.

Diferentes culturas induzem as pessoas a sustentar diferentes visões de mundo e também afetam o modo como o cientista pensa as relações pessoas-ambiente. Os indivíduos, nas culturas ocidentais, devem atingir suas metas (esperadas) participando de práticas baseadas nestas tradições (CORRAL-VERDUGO, 2005).

De acordo com o psicólogo Hochberg (1973):

A percepção é um dos mais antigos temas de especulação e pesquisa no estudo do homem [...] Estudamos a percepção numa tentativa de explicar nossas observações do mundo que nos rodeia (HOCHBERG, 1973, p. 11).

Todas essas ideias e compreensões refletem uma nebulosidade no entendimento deste fato, responsável por uma insistência permanente na busca por elucidações do pensamento humano. Pois a percepção lida com a subjetividade do olhar e do sentir dos indivíduos e dos grupos com todos os seus valores, atitudes e preferências (ABDO, 2005).

A verificação percepção visa tornar “visíveis” esses pensamentos, opiniões e sentimentos sobre as realidades percebidas e os mundos imaginados, de diferentes pessoas, pois, embora estudos já venham sendo elaborados, o pensamento humano continua um enigma a ser desvendado.

Então, como trabalhar com a percepção ambiental de uma maneira concreta? Oliveira (2002) afirma que não se deve esquecer que a percepção e a cognição estão atreladas à representação, e tratar de representação é tocar em cheio no problema básico da geografia – os mapas (OLIVEIRA, 2002,).

Os mapas, dos quais Oliveira (2002) se refere, não são representações cartográficas, escala ou precisão, mas sim, as representações espaciais oriundas da mente humana, que devem ser interpretadas como mapeamentos, ou seja, processos, e não como produtos estáticos (SEEMANN, 2003).

No entanto, para que essas interpretações aconteçam e mudem os paradigmas e se reflitam no comportamento da sociedade, é preciso que se provoque, mais que conscientizações sobre riscos iminentes, um resgate dos laços que unem o ser humano à natureza (MARIN; OLIVEIRA; COMAR, 2003).

Assim, sabemos que esse laço é construído não só dos conceitos que o ser humano tem sobre o meio ambiente, mas de outros inúmeros aspectos inerentes à sua natureza (MARIN; TORRES; COMAR, 2003).

A percepção ambiental tem articulação também com a preservação do ambiente dentro das tradições de muitas comunidades. É nessa conjuntura que a observação, facilitada conjuntamente pelo diagnóstico inicial da percepção da comunidade, se caracteriza como uma importante ferramenta de tomada de consciência do todo acerca da problemática ambiental.

Segundo Villar et al. (2008), uma das grandes dificuldades para a proteção do meio ambiente está justamente as diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes (FERNANDES, PELISSARI, 2003).

Portanto, existe uma necessidade de incorporar a cultura na explicação das relações do homem com o ambiente. Há uma necessidade em compreender de como a cultura influencia as visões de mundo, normas, sentimentos e comportamentos das pessoas.

De fato, esses seres humanos possuem um estoque de saberes e fazeres capazes de informar caminhos novos para percepções novas de mundo ecologicamente corretas. Esses seres tem um olhar acostumado com os ritmos e as sutilezas das modificações ambientais.

De acordo com Godelier (1984), “a força mais profunda que movimenta o homem e faz com que invente novas formas de sociedade é sua capacidade de mudar suas relações com a natureza, ao transformá-la” (DIEGUES, 2001, p. 63).

É evidente o saber acumulado das populações tradicionais sobre a natureza dos ciclos naturais, da fauna, da influência da lua nas atividades de corte da madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo dos recursos naturais. (DIEGUES, 2001).

Quando se fala na importância das populações tradicionais na conservação da natureza, está implícito o papel preponderante da cultura e das

relações do homem com a natureza. Para alguns deterministas ambientais, que seguem Ratzel (1844-1904), é o meio ambiente que determina a cultura. No lado oposto está o possibilíssimo histórico de Boas (1873-1942), em que o meio ambiente não tem influência na origem dos padrões culturais (DIEGUES, 2001).

Dentro dessa visão, culturas tradicionais (num certo sentido todas as culturas são tradicionais) são padrões de comportamento transmitidos socialmente, que segundo Diegues (1992):

Esse 'know-how' tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não têm outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos naturais é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena (DIEGUES, 1992, p.142).

Carpi, Silva e Linder (2014), destacam que experiências, sentimentos, sentidos e observações é capaz de refletir características interpretativas do ser humano pautadas a percepção ambiental, em que certamente são capazes de conferir o arcabouço de estudos e ações que compreendem o planejamento territorial local.

Então, podemos concluir que a percepção ambiental ocorre a partir do conhecimento e do entendimento de cada indivíduo em relação ao meio em que ele está inserido, sob influências sociais e culturais. As inter-relações homem/natureza necessitam dialogar, formar um processo comunicacional para a educação.

De modo geral, há sempre uma noção quase predominante de ambiente como natureza intocada, excluindo-se o ser humano como parte integrante de todo o ecossistema (SAUVÉ, 2000), privilegiando os aspectos naturais, tais como: o ar, a água, os animais e a vegetação.

CAPÍTULO 2

PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Situando o contexto da pesquisa

A pesquisa com as “loizeiras” de Chã da Pia teve início no 1º semestre de 2017. Nosso primeiro contato deu-se por meio de uma inquietação em adentrar nesse universo tão peculiar e que tanto causa fascínio e admiração em todos que conhecem.

Partindo desse desejo em conhecer e saber mais sobre este ofício, fomos a campo para observar e relatar a arte de fazer a panela de barro, e a visão sobre o meio ambiente. De início parecia uma tarefa simples, isto é, estabelecer o contato com as loizeiras, posteriormente, anotar, conversar, relatar, tirar fotos, pois no nosso entendimento, seria dessa forma que conheceríamos mais sobre a vida dessas artistas.

Perceberíamos logo adiante, que seria necessário uma aproximação mais íntima e simétrica com esse grupo de mulheres. Ao conhecer bem o local, de imediato, observamos várias formas, vários utensílios, cada detalhe depositado em cada cantinho.

Chã da Pia é uma comunidade rural localizada em uma região de transição entre as microrregiões do Brejo e do Curimataú. A comunidade está situada na porção noroeste de Areia, estabelecendo limite com Remígio, delimitada a oeste pela rodovia estadual PB-105 e ao sul pelo Rio Araçagi ou rio da Pia.

De acordo com Alves (2004), o termo Pia vem do Latim *pīlaae*, almofariz, que significa pedra cavada onde se deposita água de chuva utilizada para mitigação de sede animal, como também utilizada por seres humanos para diversos usos diários no lar e que historicamente pode estar relacionado ao nome da localidade.

Uma descrição ambiental que se aproxima de modo conciso e preciso da comunidade Chã da Pia é a de Jacomine et al (1972), quando retrata que

essa área localiza-se na unidade de mapeamento REel², onde o clima, pela classificação de Köppen, é do 'As' (quente e úmido com chuvas no período outono-inverno), com precipitação estimada em 700 mm/ano, e a vegetação original é de caatinga hipoxerófila.

2.2 Tipo de pesquisa

A pesquisa se configura em um recorte etnográfico. Segundo Souza (2014), compreendemos a etnografia na qualidade de um método qualitativo de pesquisa que visa à descrição e o entendimento holístico de fenômenos culturais presentes em grupos, comunidades ou instituições particulares de acordo com os próprios termos e atitudes daqueles que os vivenciam em seu cotidiano.

Para tanto, a etnografia pressupõe um contato não apenas bastante próximo, mas também frequente e prolongado com o outro, aliado à utilização de instrumentos como entrevistas mais ou menos diretas, gravadores, equipamentos de fotografia e/ou filmagem, bem como diários, anotações de campo e, claro, a observação (direta ou) participante (SOUZA, 2014).

A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar e do escutar, que impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA; ECKERT, 2008).

A pesquisa, tem caráter qualitativo-descritivo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, dentre outros. Segundo Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

² REel - Associação de: REGOSOL EUTRÓFICO fase caatinga hipoxerófila relevo suave ondulado e SOLOS LITÓLICOS EUTRÓFICOS com A fraco textura arenosa e/ou média fase pedregosa e rochosa caatinga hipoxerófila relevo ondulado substrato gnaisse e granito.

2.3 Participantes da Pesquisa

A escolha desta comunidade para estudo se deu a partir certos critérios. No critério geral escolhi algumas características que as entrevistadas precisavam ter em comum como: a profissão (lojeira) e residir na comunidade Chã da Pia. O segundo critério que utilizei é a organização das entrevistadas, que estão organizadas em dois grupos (G1 e G2), as do G1 são aquelas que ainda produzem as “loijas” e o G2 é aquelas que já produziram as “loijas”, totalizando 13 (treze) entrevistas.

Nesta pesquisa, tomei precauções para conservar o anonimato dos entrevistados. Os nomes das entrevistadas que aqui aparecem são fictícios, utilizadas pela simbolização (En^o) em toda a discussão desta pesquisa.

Depois de ter estabelecido os critérios de seleção do grupo, precisei levantar nomes de pessoas para entrevistar. O levantamento foi feito a partir da indicações fornecidas durante as entrevistas na comunidade, pelas próprias lojeiras. Ao selecionar os nomes das possíveis entrevistadas, entrei em contato com cada uma, sendo este contato realizado diretamente na casa das entrevistadas. Nas visitas, fazia uma rápida apresentação do motivo do contato e as convidava para que fizessem parte da pesquisa.

A pesquisa realizada com as lojeiras, consistiu na coleta de dados sobre a cultura local, e como os artefatos de barro são manuseados, sendo assim tomando de posse a preservação da cultura local, como também a sua percepção ambiental.

As pesquisadas apresentam o baixo nível educacional, ou seja, não são alfabetizadas. E um dos argumentos baseiam-se na ideia de que o analfabetismo seria ainda alto porque as pessoas de gerações antigas que permaneceram alheias ao sistema de ensino constituem um estoque de analfabetos que não é alcançado pelos esforços de melhoria do sistema, e a desistência dos estudos vinha acompanhado da necessidade de trabalhar para ajudar os pais.

2.4 Conhecendo o percurso

As visitas foram realizadas com frequência semanal e permanência no local durante toda manhã. Todo o processo de realização da pesquisa durou 6

(seis) meses, desde as visitas para o reconhecimento territorial, até a coleta de dados. As entrevistas em profundidade foram realizadas no mês de novembro de 2017 a Abril de 2018.

O contato com as artesãs em suas casas acontecia numa atmosfera de informalidade. Após uma apresentação parcial do motivo da minha visita, iniciava a conversa com algumas perguntas sobre a atividade.

A ida a comunidade tornou-se constante para que ali criássemos um vínculo de confiança e amizade com as artesãs. E a cada ida, era uma nova satisfação e enriquecimento de conhecimento sobre os saberes tradicionais. Por fim, nossa última ida ao campo, deu-se em abril de 2018, data na qual fui fazer umas entrevistas, para identificar a percepção ambiental das “lojeiras”.

2.5 Instrumentos e técnicas de Coleta de Dados

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um roteiro de entrevistas semiestruturado, o qual construí de acordo com os princípios descritos por Nicolaci-da-Costa (2007). As perguntas do roteiro se concentrassem na atuação profissional das entrevistadas, principalmente sobre a realização dessa atividade. Ao falarem sobre seu trabalho, as lojeiras iriam colocar sua opinião sobre os assuntos que eu gostaria de investigar e eu poderia fazer uma análise dos discursos subjacentes.

O roteiro está dividido em duas partes (apêndice 1). A primeira é composta por três perguntas bem delimitadas sobre dados de identificação das entrevistadas, para facilitar a transcrição de falas das lojeiras, ao passo em que a segunda possui os itens que foram abordadas durante cada entrevista, sobre o trabalho artesanal e a percepção ambiental destas mulheres, totalizando um grupo de 18 (dezoito) perguntas.

Como pode ser observado os itens do roteiro de entrevista não estão em formato de interrogação, como seria comum em um questionário, pois em cada entrevista formulei as perguntas de uma maneira diferente.

O objetivo de manter itens no lugar de perguntas pré-definidas é o de facilitar a interação com o sujeito, fazer com que as perguntas não soassem artificiais e manter a espontaneidade e naturalidade da conversa, e que houvesse um melhor entendimento das entrevistadas.

Apesar da aparente informalidade, não houve liberdade para perguntar sobre assuntos diferentes a cada entrevistada, para que assim não houvesse fuga da entrevista. Os itens do roteiro precisam ser os mesmos a fim de permitir a comparação dos depoimentos, como será explicado mais a diante, na parte sobre análise do material.

O roteiro de entrevistas, cujo objetivo foi o de identificar o entendimento que entrevistas têm a respeito da percepção ambiental, bem como a verificação da identidade e cultura da comunidade.

Manzini (2003) afirma que o roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos, serviria então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

Partimos para a técnica de observação, visando registrar aspectos do local, do contexto, das relações interpessoais e grupais, das estruturas físicas, do modo de produzir e vivenciar de cada etapa do processo produtivo, o dia a dia na comunidade Chã da Pia.

O instrumento utilizado para escrever as observações realizadas na comunidade, foi o diário de campo, que segundo Minayo (1993), visa descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos daquele exato momento, garantindo a maior sistematização e detalhamento possível de todas as situações ocorridas no dia e das entrelinhas nas falas dos sujeitos durante a intervenção. Que ocorre em três partes: (1) descrição; (2) interpretação do que foi observado e (3) registro das conclusões preliminares.

Os registros foram feitos, também, com fotografias. Segundo Andrade (2008), a fotografia representa o advento do primeiro meio de produção automática da imagem, que assume gradativamente o papel de instrumento de mediação, registro e arquivamento. Cujo o objeto é mostrar a imagem real da arte do fazer das loiçeirias.

Outra técnica utilizada foram as rodas de conversa, estas ocorreram de modo espontâneo, a qual favoreceu as condições de reflexão, para o objeto da pesquisa, que socializavam as experiências vividas. Sendo estas conversas registradas no diário de campo, com fez compreender a historicidade social e cultural da comunidade, assim como a visão das mulheres sobre o meio ambiente.

As rodas de conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. As rodas de conversa ajudou a entender a identidade local.

Porém é importante ressaltar que este processo não deve ser compreendido, como prática descomprometida e unilateral, como destaca Freire (1983), que o dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento desta metodologia já apontava, os sinais de que esta técnica utilizada como mecanismo de interação e para o desenvolvimento dialógico entre pesquisadora/pesquisados, era de extrema riqueza metodológica para dar seguimento a pesquisa, pois a maioria das lojeiras mesmo que timidamente apresentava-se para o diálogo proposto.

As entrevistas foram gravadas pelo aparelho celular, transcritas e analisadas, associando os dados à pesquisa bibliográfica/ documental e às observações. Após a audição do material gravado, feita a transcrição, assim como, imprescindíveis leituras e releituras das narrativas, identifiquei questões recorrentes na fala das entrevistadas que me orientou para a definição de categorias.

2.6 Categorização e Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada pela utilização de análise de conteúdo propostas de Bardin (2011) e a construção de categorias proposta por Dias (2008).

Foi realizada com as fases de compreensões contidas a partir de leitura flutuante, que é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados; em seguida a escolha dos documentos, que consiste na definição do *corpus* de análise; logo após foi realizada a formulação das hipóteses e objetivos, que é feita a partir da leitura inicial dos dados; e por fim, a elaboração de indicadores, que consiste na interpretação do material coletado.

As categorias de análise foram selecionadas anteriormente a realização das entrevistas, integrando, portanto, os objetivos da pesquisa, a partir do conhecimento prévio do campo empírico, e também com o momento

da análise, pela identificação por parte da pesquisadora a partir de conteúdos recorrentes no discurso das suas entrevistada.

2.6.1 Transcrições dos turnos de fala

De posse das gravações, foram feitas suas transcrições, tomando-se o cuidado para manter as frases exatamente como foram enunciadas pelas entrevistadas. Portanto, alguns dialéticos foram mantidos para preservar a originalidade local.

Para a interpretação das informações colhidas nas entrevistas e rodas de conversas, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo. Para Bardin (2011), a análise de conteúdo abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens (quem as emitiu, em que contexto e/ou quais efeitos se pretende causar por meio delas).

As narrativas das loizeiras foram transcritas na plataforma do software *Excel 2010*, foram separados trechos do texto das respostas colhidas nas entrevistas, trechos esses classificados com códigos de indicadores, que representavam as ideias, posturas ou opiniões sobre um determinado assunto de interesse da pesquisa por parte das respondentes. E estruturados a partir do glossário de significações simbólicas (Quadro 1), tomando como referencial Queiroz, Zanelato e Oliveira (2008).

Quadro 1: Normas de transcrição dos turnos de falas

SÍMBOLO	INTERPRETAÇÃO DIRETA
En^o	Entrevistada
MAIÚSCULA	Entonação enfática
:::	Prolongamento de vogal ou consoante
sí-la-ba	Silabação
?	Interrogação
...	Qualquer pausa
((minúscula))	Comentários descritivos
(...)	Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto

Fonte (adaptada): Queiroz, Zanelato e Oliveira (2008).

Evidenciamos, portanto, aspectos positivos dessa técnica, unindo-as em uma triangulação metodológica – juntamente com a revisão bibliográfica, conforme propomos ao início do *Percurso Metodológico*.

2.6.2 Construção das categorias de análise

A construção das categorias deu-se a partir das questões do roteiro de entrevista e das respostas dadas pelas entrevistadas. As categorias emergem a partir das perguntas norteadoras das entrevistas, adotadas na construção de todo este trabalho, que inclui as reflexões e discussões que compõe os capítulos da pesquisa.

2.6.2.1 Representação sobre a profissão Loizeira

A categoria remete a um certo saber-fazer, segundo Chartier (1991) a representação é o instrumento de um conhecimento mediato. E o saber-fazer está ligado aqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais (NETO, 2005).

2.6.2.2 Saber da tradição

A categoria remete ao o saber tradicional preservado pela transmissão oral entre as loizeiras. Tradição é um termo que convida a pensar hábitos, valores, crenças, rituais, práticas e costumes que fazem referência a uma herança cultural e que, seguindo a etimologia da palavra, foram entregues, transmitidos e transferidos sem que se tivesse uma prova de autenticidade ou de veracidade, além do prestígio e da garantia de pertença a tempos imemoriais (ABBAGNANO, 2000).

2.6.2.2.1 Identidade com o ofício

A identidade com o ofício, têm histórias de vida, visões de mundo e interesses diversos, que as impedem de estabelecerem uma identidade única.

Porém está é uma categoria que vai identificar as loizeiras, que realizam o mesmo tipo de trabalho ou arte, com a mesma tipologia na fabricação das peças de barro. Que segundo Mendes (2009) ser loizeira é, ao mesmo tempo, ser artista e trabalhadora.

2.6.2.2.1.1 Saber do ofício

A categoria está relacionada com a cultura do processo de fabricação dos artefatos de barro, a partir de um trabalho realizado poeticamente com as mãos. Segundo Almeida (2003) a antiguidade conduz está arte a algo tão indistinto que, praticamente, esgota a possibilidade de ser situada, no tempo. O ensinamento, transmitido de pais para filhos permite que a identidade cultural dessa atividade seja mantida com poucas alterações há várias gerações.

2.6.2.3 Percepção ambiental

A categoria vai destacar a compreensão do ambiente pelo homem, ou seja, como ele perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. Assim como demonstrar que é algo que todos nós podemos fazer no nosso dia a dia (SILVA, 2011), que ainda segundo Araguaia (2011), aborda a proteção da natureza independentemente de seu valor econômico e/ou utilitário, apontando o homem como o causador da quebra deste “equilíbrio”.

2.6.2.3.1 Conservação ambiental

A categoria remete ao conceito formado pelas loizeiras sobre conservação e a utilização dos recursos naturais. Segundo Rosa (2012), o homem está em uma fase de sua trajetória evolutiva em que se faz necessária alternância de paradigma ao ponto de vista da sua inter-relação com o meio ambiente e seu uso, pois os recursos naturais como a água não estão sendo mais suficientes de manter a sustentabilidade dos ecossistemas, e ao mesmo momento, atender a demanda cada vez mais intensa de consumo determinado pelos padrões de vida moderna.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 COMPREENSÕES E DISCUSSÕES EMERGENTES DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas nos permite inferir muito sobre uma determinada realidade (BARDIN, 2011). Os diálogos provenientes desta técnica de construção de dados permitiram uma aproximação da vivência sobre a percepção ambiental das loiçeirias, o trabalho e a cultura da comunidade. Deste modo, pudemos aprofundar uma compreensão acerca dessa comunidade e das mulheres que nela vivem.

3.1.1 REPRESENTAÇÃO SOBRE A PROFISSÃO LOIÇEIRA

"Ser artesão é amar com a imensidão dos céus o belo, a novidade e o inacreditável através das ferramentas do coração, sempre pensando no alegrar daqueles que admiram a dádiva da vida" (Walber Nunes).

Como mencionado anteriormente neste trabalho, adoto preferencialmente a expressão loiçeira para referir-me as mulheres que tem a prática artesanal com o barro na comunidade Chã da Pia – Brasil/PB. A opção pelo nome vem da forma como muitas mulheres se denominam, havendo também as designações: artesãs, usadas eventualmente.

É difícil encontrar esse termo “loiçeira” em órgãos, programas e projetos políticos e/ou público, o que é mais comum utilizarem a categoria artesanato. E muitas mulheres que trabalham com diversos tipos de artesanatos, utilizam termos como: “rendeiras”, “loiçeirias”, “labirinteiras”, para se identificar, fugindo assim da abrangência que o nome artesanato conota.

Segundo Porto Alegre (1994), “O termo artesanato é novo, sendo introduzido a partir da venda e da produção para o mercado externo, este termo não faz parte do vocabulário popular” (p. 36).

Na sua tese sobre o artesanato, a mesma autora, identificou uma série de categorias nos depoimentos coletados, referente ao ser artistas (artesã):

Artista é aquele que se distingue pela competência em sua profissão, com isso, ganha admiração e o reconhecimento dos demais. Verificamos assim que o termo arte, artista, na linguagem popular, deriva diretamente do referencial semântico da organização medieval portuguesa do trabalho. A expressão ofício designava, em Portugal, o conjunto dos artífices, ou seja, todos aqueles que, senhores da técnica exigida, se aplicavam a uma arte. (PORTO ALEGRE, 1994, p.35).

Percebemos que ser loiçeira é também ser artesã. É elaborar um trabalho poeticamente com as mãos, com competências, adquirindo admiração daqueles que veem o trabalho artístico em cada peça. Ser loiçeira transformou-se em uma profissão.

Caracteriza-se então, ser loiçeira como uma artista a desenvolver uma atividade há séculos de um mesmo modo, fazem a loiça de barro, mantendo uma tradição da cultura local, executando seu ofício nos quintais e/ou no galpão de suas residências. Segundo Alves (2004), loiçeira propriamente dito, é aquela que modela ou “arma” as peças.

Mas foi só a partir da apropriação das narrativas das participantes que pude entender o que é ser uma loiçeira. Ser loiçeira é transmitir o saber tradicional de uma geração a outra, levando em conta as referências do passado, sendo constituídas e reconstituídas com o passar dos anos, marcadas pelo registro dos acontecimentos que se repetem, de forma cíclica ou linear.

É um saber que não é obtido na escola, mas no próprio convívio com esse universo da criação, da experimentação, da arte, do fazer. Ao mesmo tempo em que é coletivo, o artesanato é individualizado, pois esta arte de fazer traz a identidade da comunidade Chã da Pia, pois a liberdade e capacidade de gerar algo, o poder de criar e dar forma, é sempre único, determinado pelas memórias do passado.

O ofício das loiçeiras materializa técnica de moldura do barro, cujo aspecto proeminente está assentado na modelagem manual, queima a céu aberto e aplicação de tintura com a pedra de “toá”. Esse ofício familiar da feitura de “loiças” de barro continua substancialmente enraizado no cotidiano e

no modo de ser da comunidade Chã da Pia, refletindo a confluência dos pilares que estruturam a constituição e consolidação da cultura local.

Algumas loizeiras dedicam-se exclusivamente a confecção da loiça e outros trabalhos domésticos, como o cuidado das crianças e limpeza da casa. Nesses casos, outras pessoas do mesmo núcleo familiar cuidam dos “roçados”.

Essas mulheres possuem um perfil, com idade que varia entre 50 a 85 anos, a qual é a etapa da vida caracterizada como velhice, compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. A pessoa mais velha, na maioria das vezes, é definida como idosa quando chega aos 60 anos, independentemente de seu estado biológico, psicológico e social. Porém a idade e o processo de envelhecimento possuem outras dimensões e significados que extrapolam as dimensões da idade cronológica.

As loizeiras fazem parte das “grandes massas iletradas”. A alfabetização existe desde séculos passados e nos atinge até a atualidade. O termo “alfabetização”, segundo Soares (2007), etimologicamente, significa: levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar a ler e a escrever. Assim, a especificidade da alfabetização é a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

Porém, na comunidade Chã da Pia é observado um grande índice de analfabetismo entre as loizeiras, principalmente pelos problemas de muita relevância: a qualidade da educação básica, especialmente, a dos anos iniciais do ensino fundamental. São evidências dessa baixa qualidade os índices de fracasso, reprovação e evasão escolar, que nunca deixaram de se perpetuar nestas sociedades.

E um dos principais fatores da alfabetização das loizeiras foi a dificuldade encontrada antigamente, como foi narrado por algumas loizeiras:

E1: Eu só sei fazer meu nome ((risos)), que aprendi a fazer com minha irmã em casa ... eu não gostava de estudar.

E2: Eu aprendi nem a assinar o nome, só ia brincar na escola, passei tanto tempo, que quando meu pai via que eu não aprendia nada, disse: - Pois agora você vai fazer panela.

E3: Só estudei até a segunda série... só sei escrever meu nome ((risos)) (...) Eu não estudei porque não quis.

E4: Estudei nada, só estudei no barro, só sei fazer meu nome (...) não sei ler nada ((risos)) Há cinquenta anos atrás era difícil, “viu?”.

Destaco aqui, está uma fala da loiçeira (E4), uma questão que salta aos olhos e merece consideração, pois toda esta tradição estava vinculada a uma concepção de alfabetização segundo a qual, a aprendizagem inicial da arte do fazer a loiça de barro era o maior letramento dessas mulheres.

E é no ritmo da produção familiar, do convívio diário, na imitação dos gestos da mãe que as crianças são socializadas no “mundo do barro” e o repasse da tradição vai acontecendo, pouco a pouco, de forma naturalizada e “sujando” a vida e a memória com o barro.

Uma loiçeira não se faz rapidamente, demora anos e anos. O fazer é apreendido por partes, ensinadas por referenciais, por um(a) professor(a) da vida, que pode ser a vó, a mãe, a irmã mais velha ou qualquer outra pessoa da família que torna-se responsável pelo treinamento e aperfeiçoamento de uma aprendiz.

E toda a tradição vinculada a uma concepção de alfabetização segundo a qual, a aprendizagem inicial da leitura e da escrita como o foco de fazer o aluno chegar ao reconhecimento das palavras garantindo-lhe o domínio das correspondências fonográficas, tornou-se pequeno diante o saber da tradição das loiçeras.

Segundo Diogo e Gorette (2011), ao analisarmos dialeticamente a evolução humana, fica explícito que o homem antes mesmo de aprender a escrita, ele aprendeu sobre o mundo a sua volta fazendo leituras críticas desse imenso mundo. Não podemos afirmar que uma pessoa é iletrada, pois ela desde o princípio da vida reflete sobre as coisas.

Ser loiçeira para as mulheres da comunidade Chã da Pia é escrever o poema com as mãos, dando forma as “loiças” pelo calor das mãos e pelo amor de toda uma cultura enraizada na comunidade, transformando o barro bruto em peças elaboradas, aprendidas a partir dos saberes da tradição.

3.1.2 SABER DA TRADIÇÃO

“A escrita, é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem...” (Tierno Bokar).

Falar em tradição nos faz refletir não somente ao passado, mas como também ao presente, e porque não dizer ao futuro?! Sim, futuro! Pois essas tradições são repassadas de geração a geração. A tradição é um termo que nos convida a pensar em hábitos, valores, crenças, rituais, práticas e costumes que fazem referência a uma herança cultural de um determinado lugar.

Esses saberes da tradição, foram entregues, transmitidos e transferidos sem que se tivesse uma prova de autenticidade ou de veracidade, além do prestígio e da garantia de pertença a tempos imemoriais (ABBAGNANO, 2000). Esses saberes tornam-se heranças imateriais, patrimônio cultural de um determinado lugar.

E é no cenário da comunidade Chã da Pia que vemos esta realidade muito presente, o saber da tradição foram repassados de geração em geração de forma oral, e estes conhecimentos eram evidente, nas falas das pesquisadas do G1, quando nas rodas me falaram “Com quem aprendeu a atividade de produzir “loiça” ?.

E5: Eu comecei a fazer “loiça” de barro desde os 12 anos com a minha mãe. Eu ajudava ela e tínhamos que trabalhar com aquilo, (...) Minha mãe todos nós fazendo panela. Eu me casei e criei minha família com esse trabalho...

E7: Minha vó já fazia, a mãe da minha vó já fazia (...) Ai minha vó ensinou a minha mãe e minha mãe me ensinou. É o trabalho que eu gosto...meu prazer é no barro.

Fica evidente que a tradição é algo transmitido, de geração a geração, através da memória. No caso do trabalho das loiçeiros de Chã da Pia, o que é passada é a arte do fazer, o uso das mãos, o saber técnico, propagados nos próprios exercícios da atividade artesanal, preservando assim uma tradição cuja origem vem se perdendo no tempo.

Os conhecimentos são adquiridos por pelo menos três vertentes: (i) a experiência historicamente acumulada e transmitida por meio de gerações por uma determinada cultura; (ii) a experiência socialmente compartilhada pelos

membros de uma mesma geração; e (iii) a experiência pessoal e particular do próprio produtor e sua família, adquirida pela repetição do ciclo produtivo (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

O saber tradicional é compartilhado e reproduzido mediante o diálogo direto entre o indivíduo, seus pais e avós (em direção ao passado) e/o entre o indivíduo, seus filhos e netos (em direção ao futuro) com a natureza (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2009).

E esse patrimônio cultural requer cuidados e preservação a fim de que, como depositários de saberes e fazeres, de expressões reveladoras da memória que aponta para identidades, não se percam no tempo-espaço. Porém podemos notar que na comunidade Chã da Pia a cultura deste trabalho aos poucos vai se perdendo, pelo fato da cultura não ser repassada para as gerações seguintes, principalmente pela falta de interesse da geração Z³.

Essa geração é caracterizada pela facilidade de realização de várias tarefas ao mesmo tempo, o imediatismo e a dificuldade de lidar com autoridade e hierarquia. Nascidos após a difusão da internet chegam ao mercado procurando por um mundo semelhante ao deles, totalmente conectado, aberto a interações, veloz e global (FAGUNDES, 2011; MCCRINDLE, 2011).

Essa geração buscam resultados rápidos dentro da organização, com trabalhos facilitadores e atuais; a cultura tradicional não faz mais tanto sentido. Esse novo grupo procuram a conectividade, a abertura ao diálogo, a velocidade, a globalidade e a modernidade.

A modernidade liberta e aprisiona. O desenvolvimento é capitalista. É um sistema que combina o mercado, a ciência, a tecnologia e procede, de um lado, por meio de concorrência e de acumulação de riquezas, e, de outro, por intermédio de empobrecimento antropológico e material. A globalização tornou-se uma "máquina incontrolável e excludente", já que é governada por mecanismos econômicos culturalmente anônimos.

E essa falta de "interesse" das gerações Z é narrado pelas loizeiras, quando pergunto "Essa atividade artesanal foi repassada para alguém?":

³ Geração constituída dos nativos digitais, nascidos a partir de 1993. Indivíduos com latente familiaridade à tecnologia.

E1: Sim! Mas, agora o povo não quer mais aprender, “né”?! Depois que cresceram só querem mais o estudo (...) Só querem saber de ESTUDAR.

E4: Não, não quiseram aprender!

E5: Sim, mas não continuaram o trabalho (...) Só querem saber de coisa nova.

Algumas das mulheres, repassaram essa cultura para alguns dos seus filhos, mas nenhum deles perpetuaram com a cultura local, pois a lógica do crescimento moderno é incompatível com a ecologia e a preservação da diversidade das culturas.

O relato das loiçeiros acerca da atual situação da comunidade enfatiza a preocupação com a decadência da atividade motivada pelo não envolvimento dos jovens, resultante do incipiente retorno financeiro do ofício e da baixa demanda para o tipo de “loiça” confeccionada, assim como também a decadência e falta de interesse pelas próprias loiçeiros, relatado pelas entrevistadas do G1:

E5: Aqui tinha muita gente que trabalhava com “loiça”, mas foram se aposentando... se aposentando, foram deixando, e se acabando (...) Hoje, é pouca gente que trabalha com isso.

E7: Tem muita loiçeira aqui, mas não quer fazer mais não, querem vida boa, ganham um salariozinho da Bolsa Família e disso aí vai vivendo, não quer trabalhar com isso mais não.

São nestas falas que observamos a criticidade das loiçeiros para com as que já produziram a loiça e hoje não exerce mais a profissão por conta dos programas de transferência de rendas. Para elas, o programa caracteriza-se como uma ação paternalista inibidora de autossuficiência individual por méritos próprios, o programa gera dependencia e desestímulo para o trabalho.

Que segundo Pagotto⁴ em uma entrevista concedida a Agencia Estado (2006), declarou que “o Programa é assistencialista que vicia, além de não garantir a independência das famílias, o programa tem um caráter individual que também reforça a tendência de acomodação”. Este é o mundo atual da globalização.

⁴ Arcebispo da Paraíba e presidente da Comissão para Serviços de Caridade, Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

Segundo Carvalho (2005), um fato positivo da globalização é a diminuição das distâncias entre os povos. Porém, ao mesmo tempo, está sendo criado outro fato que pode se tornar perigoso, que é a perda da identidade cultural dos povos e a massificação dos hábitos e costumes.

O mundo globalizante de hoje é uma grave ameaça ao valor da tradição e dos costumes culturais nativos, porém inescapável. Segundo Zaoual (2003) o mundo se caracteriza por uma extrema diversidade de situações e de populações, cujos sistemas de crenças e práticas são variados e variáveis no tempo e no espaço.

Para Carvalho (2005), é imprescindível que as nações não se esqueçam de seu passado histórico, não correndo assim o risco de negligenciar sua cultura. É necessário respeitar hábitos e costumes de cada nação e evitar a homogeneização de seus valores.

3.1.2.1 IDENTIDADE COM O OFÍCIO

Ganhe a vida fazendo o que lhe dá prazer, e você estará seguro de nunca trabalhar (BUKOWSKI, 1993, p. 12).

A palavra ofício deriva de “*officiu*” que no latim significa dever, naquele sentido de cumprir com dada obrigação e a partir de um ritual determinado (FERREIRA, 1986). A palavra ofício, representa ainda um certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais (NETO, 2005).

Essa identidade entre pessoas a partir de fazeres e saberes está presente no interior das sociedades e que trazem os papéis que executam e ao mesmo tempo supre a sociedade daquilo que ela necessita em dado momento histórico. Poderíamos aqui lembrar diversos ofícios de mulheres e homens, uns necessários à humanidade desde as mais primitivas épocas, e outros de que só viemos a necessitar muito recentemente (NETO, 2005).

Existe vários tipos de fazeres (profissões), aqueles que estão dentre as profissões mais reconhecidas no nosso meio (médicos, advogados, engenheiros, professores...) e que são consideradas escolhas e áreas autônomas que permitem a construção de uma carreira. Como também

aquelas que tem valor social, mas que as vezes acabam sendo desvalorizadas por falta de reconhecimento da população (trabalhos artesanais).

Quer sejam chamadas de “ofícios”, “vocações” ou “profissões”, essas atividades artesanais não se reduzem à troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas possuem uma dimensão simbólica em termos de realização de si. Providas de um nome coletivo (DUBAR, TRIPIER, BOUSSARD, 2011), permitem àqueles que as exercem identificar-se por seu trabalho e serem assim reconhecidos.

Essa dimensão simbólica com a realização do “eu” é observadas na comunidade Chã da Pia. Mulheres que exercem esse ofício com prazer, que vem sendo perpassado de geração a geração, gerando uma identidade dessa comunidade. Segundo Dubar (1997) identidade não é classificada como inata, mas sim que ela é construída na infância, e que a mesma remete-se como um processo desenvolvido ao longo de toda vida.

Durkheim (1902-1903) destaca o processo identitário, na construção da identidade social que decorre da transmissão de conhecimentos e técnicas, normas, valores e hábitos, de geração em geração. Entendida como transmissão de um patrimônio cultural da geração adulta à geração jovem.

Podemos então admitir que o processo de construção identitária ocorre ao longo de toda a vida de cada indivíduo, já que “a identidade nunca é dada, é sempre construída e (re)construída numa incerteza maior ou menor e mais ou menos durável “(DUBAR, 1997, p.104).

E essa identidade foi construída na comunidade Chã da Pia, a partir da cultura local, repassada de geração em geração, construindo o ofício das loiçeirias. Ofício este, que ainda se mantém presente nesta comunidade e que traz a característica principal do local.

3.1.2.1.1 SABER DO OFICIO

O artesanato é poesia das mãos. Revela a alma daquele que sente. Expressa seus anseios e virtudes. Sendo o fruto do trabalho do homem é sagrado. Todo aquele que se põe a criar, no fundo, mesmo que sem saber, seja matar a saudade do seu próprio Criador (ELOISA ROCHA).

O barro “bom” está apto a ser modelado, esculpido, mas até a obtenção do produto final, há um longo percurso. Para a feitura da “loiça” de barro, como muitas “loiçeirias” denominam, o trabalho é lento e paciente, mas, até o fim da peça, é sempre possível fazer algo a mais.

A argila utilizada para a produção de artefatos na comunidade Chão da Pia é localmente denominada como “loiça de barro”. O termo “loiça de barro” tem sido usado para designar cerâmica artesanal feita de barro em outras regiões, como em Maragogipinho, localizada no município da Bahia (PEREIRA, 1957).

A produção desses artefatos de “loiça” é geralmente na época de seca, que geralmente ocorre de setembro a fevereiro, embora a região da qual localiza a comunidade tem períodos longos de estiagem, e atualmente passam por uma grande seca na região. E independente da época do ano em que se concentre alguns períodos chuvosos a fabricação da “loiça” continua, mesmo que no período de “inverno”.

Porém no período de “inverno”, a produção de artefatos dão lugar aos serviços da “roça”, pois a agricultura também é um dos meios de sobrevivência desta comunidade. E com o aumento da umidade decorrente dos períodos de chuvas, a secagem das “loiças” são prejudicadas.

Para Arnold (1989), existe influência do clima na confecção de cerâmicas, quando ele afirma que:

Confecção de cerâmica é, idealmente, uma atividade para ser realizada em climas secos. Ambientes frios e úmidos consistem uma limitação significativa para a produção cerâmica. As condições mais favoráveis para a produção cerâmica ocorrem em períodos de exposição direta à luz do sol, temperaturas altas, precipitação escassa ou nula e baixa umidade relativa (ARNOLD, 1989, p. 30).

Para a produção das “loiças de barro”, a primeira etapa é caracterizada pela extração da argila, que é utilizada para construir o corpo propriamente dito dos vasos/panelas. A argila é proveniente de uma comunidade vizinha, e são encontradas nos “pastos”, são extraídas com “pás” e “enxadas”, pelas

“lojeiras” da comunidade Chã da Pia, para evitar a obtenção de materiais inadequados.

Uma vez coletado e transportado, o barro é depositado no terreno contíguo a residência da lojeira, formando um “montinho” sobre a superfície do solo, onde permanece coberto com uma lona plástica por tempo indeterminado, até que seja retirado aos poucos para o uso.

Quando a lojeira precisa do barro ali exposto ao chão, ele é quebrado e umedecido para fazer as “lojeas”. A adição da água facilita a posterior homogeneização do barro, para que possa dar origem a uma pasta relativamente uniforme.

A coleta do barro é uma tarefa predominantemente feminina, assim como a modelagem da “lojeas”. O barro bruto transforma-se em artefatos a partir dos trabalhos desenvolvidos com as mãos dos artesãos (Figura 1), junto com a água que vai dando “liga” a massa, e que vão criando formas a partir do calor das mãos e experiências por elas adquiridas ao longo do tempo, por uma cultura passada de geração para geração.

Figura 1: Barro bruto se transformando em poema, pelas mãos de uma lojeira.



Fonte: Autora (2018).

Esse processo é denominado modelagem e é designado assim, porque a argila amolecida é amparada no chão ou em cadeiras e moldada com as mãos, sem o uso de um torno. É utilizada para a modelagem apenas um pedaço de “cabaça” (*Lagenaria vulgaris*) - (Figura 2), um fruto que também

conhecido como coité que em do tupi guarani significa “vasilha, panela ou cuia”, também é chamada de cuieira e cuia de árvore.

Em considerável parcela, o modelagem da “loiça” de barro expressa estas características ao serem moldadas. Ao remeterem à prática, as entrevistadas, com frequência, fazem uso de expressões que indicam esta perspectiva.

E1: A gente usa essa “cabaça” aqui, para dá formas as panelas... “né”?!

As características da casca dos frutos são perceptíveis no toque, ela é suave, dura, impermeável, assemelha-se a madeira, não é porosa e não apresenta elasticidade. A casca do fruto é utilizada como ferramenta, retirada da própria vegetação ali presente e que auxilia nos contornos mais suaves das panelas confeccionadas.

Figura 2: Modelagem da “loiça” com o uso de cabaça, realizada por uma loizeira.



Fonte: Autora (2018)

Com a panela modelada e argila ainda mole é o momento de retirar as impurezas e também o excesso de barro, com uma faca. Após a retirada das impurezas e a panela já modelada (Figura 3 - A), enquanto não se encontram secas, a próxima etapa pode ser cumprida como o alisamento (Figura 3 - B), que se configura no polimento dos utensílios com pedras que são encontradas nas beiras dos rios, com texturas lisas, também conhecidas como seixo rolado, mas conhecido na região como “xêxos” ou também são utilizados pedaços de galhos lisos.

Essa prática são realizadas pelas mulheres da comunidade, e narradas pelas mesma com um sorriso no rosto, quando falam:

E2: A gente usa uma faca pra tirar as pedrinhas (...) e usa o “xêxo” para polir, fica alisando a panela... e ela fica assim, lisinha (...) brilhosa, “tá” vendo?

Esses seixos são utilizados para brunir (“alisar”), principalmente na confecção de tigelas e assadeiras.

Figura 3 - A: panela já modelada e exposta ao sol.



Fonte: Autora (2018).

Figura 3 - B: Loizeira fazendo o alisamento da panela, com seixo.



Fonte: Autora (2018)

Após estas etapas, inicia-se a preparação do pigmento, da qual é utilizado para dá cor as panelas confeccionadas. Este pigmento é retirado da pedra “Toá” – petroplintita, assim chamada pelos artesãos da região. Esse é um tipo de pigmento e impermeabilizante que reveste de cor vermelha, os utensílios de barro. A “tinta” provém a partir da emersão da pedra em água por alguns dias, para que o pigmento avermelhado “solte” da pedra.

E1: A gente passa essa tinta nas “loiças”, pra elas ficar com uma corzinha...((risos)), passa nos “beijos” ... é como se fosse o batom ((risos)).

Essas mulheres se transformam, junto com a sua arte, elas se pintam e pintam as loiças. As “loiças” tem uma forte marca de criação de cada loizeira, impressiona sua presença e sua originalidade na produção que ganha fôlego e busca a identificação da comunidade, a riqueza e multiplicidade da cultura local, e que ainda dialoga com a identidade própria.

O “batom natural”, além de proporcionar a pigmentação escura, é um impermeabilizante que torna os utensílios resistentes às altas temperaturas que são submetidas durante a queima a céu aberto.

A maior parte do “toá” é proveniente de solos da comunidade vizinha “Chã de Jardim” – Areia (PB-Brasil), às margens da rodovia estadual (PB-79). Também pode ser encontrado exposto à superfície do solo, em diversos terrenos da região.

Os termos “toá”, tauá e taguá parecem ter a mesma origem etimológica, do Tupi *ta'gwa* (TIBIRIÇÁ, 1984; HOUAISS, VILLAR, 2001), mas essa pronúncia muda de acordo com cada região e locais nesse campo semântico, pois esses termos são usados para fazer referência a: “um solo”, a “pedra” ou “barra” e “argila”.

Houaiss e Villar (2001) apresentam “tauá” como: argila tingida por óxidos de ferro, encontrada em terrenos erodidos por água corrente. A forma “toá” é uma etimológica rara de ser encontrada na literatura, mas foi registrada no Norte de Minas Gerais por Lima (1998), que comentou a decoração em forma de folhas, volutas e arabescos, sempre feita com “toá”, designação local dada ao tauá⁵.

A etapa que antecede a queima da panela é a secagem, que ocorre mais de uma vez durante todo o processo e, que juntamente com o clima, determinam o tempo de fabricação do utensílio. Em dias de muito sol e calor, as panelas secam mais rápido, em torno de 2 dias, já em dias nublados e frios demoram mais para secarem.

Após a secagem das panelas ao sol, a última etapa a proceder é a queima das panelas em céu aberto e esse processo dura aproximadamente algumas horas e é realizado normalmente 1 vez por semana. Esta queima acontece em fornos de lenha (Figura 4), produzidos pelos próprios moradores da comunidade.

A queima ocorre a partir da utilização de galhos secos das plantas: jurema-preta (*Mimosa hostilis* Benth), jurema-branca (*Piptadenia stipulacea*), marmeleiro (*Cydonia oblonga*), espinheiro-branco (*Crataegus laevigata*) e o

⁵ Pigmento avermelhado de origem mineral, extraído do solo e que, no Brasil é bastante empregado na decoração dos objetos cerâmicos de procedência indígena e popular.

João Mole (*Guapira Opposita*), retiradas de próxima a comunidade e que são estocadas nos próprios terrenos.

Figura 4: Forno de lenha produzido pelos próprios moradores da comunidade.



Fonte: Autora (2018).

Sabemos que uso do fogão/forno a lenha para a cocção de alimentos é uma prática milenar, que não muito utilizado hoje, essa prática é encontrada principalmente na zona rural dos países em desenvolvimento, ou em alguns restaurantes que utilizam para fazer alguns pratos típicos.

Na comunidade Chã da Pia, essa pratica é utilizada para um meio de trabalho artesanal, e que já não está ligado a instrumento para o preparo de suas refeições. O fogão/forno a lenha é parte integrante da arquitetura de alguns terrenos, sendo construído de forma artesanal e rústica pela própria família. O forno é montado simplesmente no chão (três pedras ou “trempe”). Dentre os principais materiais usados na sua construção estão: os tijolos, a própria argila, e madeira.

Nos discurso das loiçeiros, o “marmeleiro” destaca-se por ser uma planta que fornece uma melhor lenha, uma vez que não tem espinhos como outras plantas (“juremas”), e que ainda apresentam uma vantagem de produzir chamas intensas que os demais tipos de lenha.

Diante destes processos, destaca-se que o saber, em fazer panelas de barro baseia-se na relação que os artesãos estabelecem com o ambiente, ao extrair recursos da própria natureza e incorporá-los em seus trabalhos e todo esse processo dura aproximadamente 5 dias.

O processo de fabricação de panelas de barro proporciona aos artesãos uma maior proximidade com a natureza e com o próprio eu, como é destacado por Gouvêa (1989):

A natureza misteriosa do barro foi que proporcionou ao ser humano um conhecimento mais profundo de si mesmo. A partir da estrutura oculta do barro o homem vem descobrindo quando pelo calor de suas mãos faz da terra molhada a confidente de imagens carregadas de emoções vividas e por viver (GOUVÊA,1989, p. 59).

Além do mais, as panelas ao serem utilizadas no preparo dos alimentos conseguem reter com mais facilidade o calor, possibilitando que o prato preparado permaneça mais quente por mais tempo.

Com as “loiças” prontas, as artesãs transportam as peças até as feiras livres das cidades circunvizinhas para venda. As peças são levadas em veículos alternativos, do qual são pagos para fazer o transporte das peças até o local da venda ou em veículos próprios (raros).

Os alternativos atuam como transportadores e, em alguns casos, como intermediários da “loiça”. As “loiças” são levadas as feiras nos sábados, que é o dia em que ocorre a feira livre. A venda das peças acontece a céu aberto, diretamente expostos no chão das feiras, nas cidades de Lagoa Seca, Remígio e Campina Grande. As vendas aumentam na época de São João, quando estas estão expostas no centro cultural, e vendidas a turistas de todo o país.

É unânime nas falas das loiçeirias que existe um declínio nas vendas das peças, devido à concorrência com artigos de alumínio e plástico, industrialmente produzidos. E essas narrativas são expostas pelas próprias “loiçeirias” quando falam do declínio:

E1: O povo não quer mais comprar “loiça” não... você coloca o feijão no fogo na panela de alumínio, em duas horas está pronto... na “loiça” de barro, você tem que esperar muito para cozinhar o feijão.

E4: Os ricos não querem mais panela de barro não, só de alumínio.

E5: Eu coloquei o feijão no fogo de 9 horas, de 11 horas já estava pronto. Se colocar na panela de barro, vai demorar mais de três horas.

É perceptível que se trata de patrimônio incorpóreo, abstrato, fluído, constituído por bens culturais materiais e imateriais portadores de referência à memória, à ação e à identidade da comunidade Chã da Pia, a partir das narrativas dessas mulheres. Mas que de um certo modo, vai declinando com o passar dos anos e que de um certo modo, deixa uma tristeza para aquelas que sempre viveram dessa cultura e ver o desinteresse e desvalorização do seu trabalho.

No entanto, caracterizar esse sistema de trabalho em oposição ao moderno equivale a sustentar uma visão homogeneizadora, que hierarquiza alguns sistemas em detrimentos de outros, considerados atrasados (DIAS, 2006).

Segundo Lima (2005), mostra o grande desafio no qual se encontra o artesanato.

[...] lidar com o artesanato tradicional, valorizando o produto e seu produtor, promovendo a transformação que viabilize melhores produtos e melhores condições de vida para o artesão, sem contribuir para seu fracasso e consequente desagregação. (Lima 2005, p. 2).

Enfim, podemos observar como a técnica tem sua importância relevada para o processo produtivo, seja ele manifesto de maneira interativa e mantenedora da tradição, seja ele realizado com atribuições de funções que o fragmenta.

Todas essas transformações provocadas pela modernização e pelo avanço do capital no espaço levam o indivíduo a novas interpretações e novas relações ambientais, formando percepções ambientais distintas.

3.1.3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Como já foi discutido no capítulo 2 dessa pesquisa, sobre este tema, aqui trago discussões sobre a percepção ambiental das loiçeras. Mostrando como a cultura e as relações entre homem-natureza constrói a percepção de cada indivíduo.

A partir da análise textual discursiva das entrevistas realizadas com cada loiçera foram relacionadas às ideias centrais das produções textuais.

Esse processo tornou possível o mapeamento da percepção ambiental indicadas nas entrevistas e rodas de conversas.

De acordo com Hoeffel e Fadini (2007), as percepções de diferentes autores são construídas a partir de suas experiências, e são moldadas com referência nos contextos histórico e cultural. Por essa razão, membros de uma mesma cultura podem expressar diferentes percepções sobre um mesmo objeto.

Esses autores ainda acrescentam que, no mundo das percepções, não deve haver certo ou errado, apenas uma ponte entre diferenças na expectativa de contribuir para a solução das questões ambientais. Marin, Oliveira e Comar (2003) não tratam a percepção apenas pelo mundo dos sentidos, e entendem que as percepções são influenciadas por fatores como: memória, afetividade, imaginário e experiências.

E isso é fato, os fatores podem influenciar em diferentes percepções sobre o ambiente, como pode ser notado nas narrativas de algumas “loizeiras” do G1 e G2, quando pergunto “Como você percebe o ambiente?”:

E1: É onde a gente vive, né?! (...) Tem umas árvores pra gente ficar debaixo, “né”?! Tem de tudo.

E2: É bom! tem comida, água.

E13: É bom! ele nos traz alimento, vida.

Ao nos depararmos com essas respostas podemos pensar que as percepções apresentadas nesta narrativas podem se enquadrar em uma visão naturalista e antropocêntrica de meio ambiente. Mas a natureza é uma unidade complexa e dinâmica, não podendo ser separada do ser humano. Visto nas narrativas dessas mulheres, que o ambiente é “apenas” a natureza, se excluindo totalmente do contexto.

E é nesse contexto que não podemos determinar a percepção dessas mulheres a partir de uma frase que me responderam, para uma pergunta que não foi na linguagem delas, pois a percepção do ambiente está muito mais relacionada nas cultura tradicionais com o trato e a experiência sexual nível com o ambiente.

Experiência essa que não pode ser quantificada por uma questão apenas, mas pela constelação de atitudes, ações, escolhas, práticas, rituais que um povo tem.

Latour (1994) diz que para explicar o mundo sempre recrutamos alguma coisa. É esses recrutamentos sempre são híbridos de natureza-cultura. São aquilo que o autor denomina de “redes”, conectando, por exemplo, técnica e estratégia científica e industrial e suscitando preocupações interdisciplinares.

Para Nicolescu (1999), a forma como pensamos e percebemos a natureza está nas nossas ações, portanto como percebemos está diretamente ligado a como criamos, impactamos, modelamos.

Segundo Camponogara (2007) na Grécia clássica a natureza é basicamente relacionada com a compreensão sobre os movimentos e processos da natureza, e neste contexto o homem assume a posição de observador da natureza.

A concepção naturalista do meio ambiente visto como a “natureza intocada”, que compreende a flora e a fauna convivendo em equilíbrio e harmonia, foi abandonada em detrimento de uma visão socioambiental (CARVALHO, 2004). Na concepção socioambiental, o meio ambiente é concebido pelas relações homem-natureza, em constante interação, e, dessa forma, o ser humano passa a ser integrante do meio e torna-se um agente participativo e transformador de seu meio (CARVALHO, 2004).

Segundo Melazo (2005) o ambiente é percebido de acordo com os valores e as experiências individuais dos homens onde são atribuídos valores e significados em um determinado grau de importância em suas vidas. E isso fica claro em algumas narrativas das loizeiras do G1 e G2 sobre “o que é ambiente?”:

E1: Eu sei lá o que é ((risos)), eu sou tão “matuta” que não sei o que é.

E4: É bom, “né”?! O lugar que a pessoa mora, “né”?! Tudo que vem da natureza.

E12: Ambiente é a natureza ao nosso redor.

Para as loizeiras o ambiente como natureza é aquele percebido de forma original e “puro”, do qual os seres humanos estão dissociados e no qual

devem aprender a relacionar-se. As palavras chave e imagens que vêm à mente são “meio natural”, “árvores”, “plantas”, “animais”, “cachoeiras”, etc.

Aquele ambiente percebido como recurso é aquele que precisa ser gerenciado/administrado. Nesta ótica, os recursos naturais (água, ar, solo, fauna), limitados e degradados, são percebidos como nossa herança coletiva biofísica, que sustenta a qualidade de nossas vidas

As loizeiras não possuem um esclarecimento e consciência maior do que aqueles oriundos que possui um entendimento melhor sobre o que de fato é ambiente. Por ambiente entende-se como o:

“... Conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, como um todo ou em parte desta, abrangendo elementos do clima, solo, água e de organismos”, e por meio ambiente a “soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma condição, uma comunidade ou um objeto existe. O meio ambiente não é um termo exclusivo; os organismos podem ser parte do ambiente de outro organismo” (ART, 2001).

De acordo com Oliveira (2002), o meio ambiente, seja ele qual for, é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca. Então, se há uma diversidade de conceitos de meio ambiente – partindo-se da ideia de que este é construído culturalmente por diferentes “visões” no plano cultural e histórico – da mesma forma, também há uma multiplicidade de conceitos de Percepção Ambiental.

Podemos perceber que o conceito formado pelas loizeiras não é o mesmo formado pela academia, e que para elas o ambiente não tem apenas um sentido estático, por ser constituído por relações dinâmicas entre seus elementos componentes, tanto vivos como não vivos. E é notório que existe um vasto conhecimento relacionado ao conjunto de espécies compreendendo o meio ambiente particular de cada uma delas e que “somadas” ao meio ambiente humano comporiam o denominado ambiente.

A visão das loizeiras limita-se aos elementos conhecidos da natureza que são indispensáveis para o sistema social produtivo humano e para a sobrevivência da espécie humana, tanto local quanto planetariamente. É portanto a capacidade de pensar a natureza, pensada em seu sentido amplo.

Miranda (2010) deixa claro que a percepção está relacionada a outros tipos de vivências como a reflexão, a lembrança, a imaginação, etc., pois estas vivências influenciam o sujeito, em última instância, a adotar determinadas atitudes e valores em relação aos espaços, paisagens, lugares e conseqüentemente, ao meio ambiente.

É a partir destes conceitos sobre a percepção ambiental, que o homem pode ou não estabelecer conexões e parcerias em prol da conservação. E isto se torna relevante, para que exista uma compreensão da comunidade do seu entorno acerca da problemática ambiental, com vistas à sua participação nas atividades que visem à conservação dos seus recursos naturais.

3.1.3.1 CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Assim como já venho discutindo em todos os capítulos desta pesquisa, sobre o meio ambiente, aqui trago discussões sobre a conservação ambiental na visão das loizeiras. Mostrando como a cultura e as relações entre homem-natureza pode influenciar na compreensão do ambiente.

Conservação ambiental significa preservar todos os componentes do ambiente em boas condições, ou seja, ecossistemas, comunidades e espécies. Um meio ambiente equilibrado oferece uma grande variedade de serviços ambientais que podem ser consumidos, direta ou indiretamente, pela população humana, como, por exemplo: a proteção da água e dos recursos do solo, o controle climático, a ciclagem dos resíduos humanos e a produtividade dos ecossistemas que fornecem produtos animais ou vegetais (PRIMACK; RODRIGUES, 2001).

Portanto, para que todas as espécies, inclusive a espécie humana, sobreviva, o bom funcionamento do meio ambiente associada com as relações humanas é essencial.

A atualidade nos fez reféns do modernismo e tornou o nosso estilo de vida e o padrão de consumismo baseado na extração dos recursos naturais, na sua transformação em produtos e no descarte deles após o desuso. Isso torna nosso modelo de produção linear e não cíclico.

No semiárido nordestino, a utilização dos recursos naturais se torna ainda mais intensa e degradante, por ser uma região sob forte influência das

intempéries climáticas e com grande adensamento da população de baixa renda tornando os seus recursos bióticos e abióticos mais vulneráveis às ações antrópicas (LEAL et al., 2005; SAMPAIO; BATISTA, 2003).

Ainda segundo Sampaio e Batista (2003), as condições de vida são piores nas áreas mais secas, que apresentam menor capacidade de suportar atividades econômicas sustentáveis que gerem renda e propiciem condições para melhor dotação de infraestrutura social. Tendo como consequências a pressão antrópica, causada por muitas atividades realizadas pela população rural.

Nesse contexto, encontra-se a comunidade Chã da Pia, que é conhecida pelo histórico de uma região ocupada por atividades econômicas que utilizam os recursos naturais, para fazer as “loiças” de barro e junto com ela, as atividades da agricultura.

E a prática destas atividades devem ser aliadas com a conservação, devendo ser estas práticas utilizadas de forma controlada assegurando não só a obtenção de recursos, mas principalmente a conservação destes ambientes. Isso pode se concretizar por meio de formas de produção que satisfaçam às necessidades do ser humano, sem destruir os recursos que serão necessários às futuras gerações.

Segundo Gómez-Pompa e Kaus (2000) a conservação talvez não esteja presente no vocabulário dessas pessoas, mas é parte de seu modo de vida e de suas percepções do relacionamento humano com o mundo da natureza.

E esse modo de vida, podemos identificar nas narrativas das loiçeiros do G1 e G2, quando interrogo “o que você entende por conservação ambiental?”.

E10: É a gente saber organizar o que é seu, “né”?! (...) Cuidar do ambiente.

E11: Eu não sei nem dizer! renovar o material, é ter cuidado nas minhas águas.

E12: Sei lá! sei nem dizer o que é! É deixar tudo limpinho, não desperdiçar a água.

E13: Não sei o que é isso!! É não matar as plantas??

Nesta compreensão das loiçeirias o conceito de conservação de fato não está presente no vocabulário local, mas existem aspectos positivos, quando narram do “cuidar” da natureza em poucas palavras.

O conhecimento dessas mulheres são construídos através do tempo das relações estabelecidas entre o homem e o ambiente, e, pode ser um indicativo do grau de interatividade das pessoas com o ambiente natural, na medida em que os modos de vida cotidiano em ambientes rurais e preservados oferecem momentos de contato com o ambiente.

Essa relação construída no cotidiano, também pode ser vista quando indago “você realiza alguma contribuição para a conservação ambiental?” e todas as entrevistadas afirmam que “sim”, desta maneira pergunto “de que maneira você contribui para a conservação ambiental?”:

E1: Cuido do meu terreno.

E2: Cuido da planta (...) da água

E3: O lixo eu "ajunto" e queimo todinho e a água eu reaproveito.

E4: Eu cuido das plantinhas, "ajunto" o lixo e queimo.

Podemos perceber nestas narrativas, alguns pontos positivos, quanto ao cuidados com as plantas e o desperdício da água, porém existe um ponto negativo, que se torna preocupante que é a incineração de resíduos a céu aberto.

Para as loiçeirias a queima de resíduos não é um problema e sim uma “solução”, e que traz uma visão de “cuidado”, pois é um modo de “se livrar” de acúmulo de lixo presente nas casas e na comunidade.

Este fato acontece, porque não ocorre a coleta do lixo pelo serviço de limpeza municipal. E para as loiçeirias a incineração incorreta do lixo não promove a elas e aos demais moradores da comunidade, problemas ambientais e para a saúde.

Sabemos que a incineração envolve milhares de interações físicas e reações químicas. Além do dióxido de carbono e do vapor de água, outros

gases são produzidos, incluindo diversas substâncias tóxicas, como metais pesados e outras, trazendo algumas reações cancerígenas.

Esses poluentes são transportados pelo ar, água e pelas espécies migratórias, sendo depositados distante do local de sua emissão, onde se acumulam em ecossistemas terrestres e aquáticos.

O lixo pode ser classificado como “seco” ou “úmido”. O lixo “seco” é composto por materiais potencialmente recicláveis (papel, vidro, lata, plástico etc.). O lixo “úmido” corresponde à parte orgânica dos resíduos, como as sobras de alimentos, cascas de frutas, restos de poda etc., que pode ser usada para compostagem.

A natureza trabalha em ciclos – “nada se perde, tudo se transforma” e todo tipo de material orgânico morto se decompõem com a ação de milhões de microrganismos decompositores, como bactérias, fungos, vermes e outros, disponibilizando os nutrientes que vão alimentar outras formas de vida. Estes resíduos poderiam ser reintegrados aos ciclos naturais e serviria como adubo para a agricultura. Mas, os resíduos ali incinerados vão além dos orgânicos, se tornando um problema.

Neste sentido, a implantação gradativa de programas de coleta seletiva na comunidade Chão da Pia, por meio da formalização de parcerias público-privadas seria de suma importância para a sustentabilidade, conservação e preservação ambiental, trazendo ganhos significativos em termos ambientais, sociais e econômicos.

Assim os resíduos é um problema para o ambiente, a água também se destaca quanto aos padrões de consumo impostos pela oferta de novos produtos, resultantes do desenvolvimento tecnológico e das condições climáticas, com falta de chuvas e altas temperaturas vem resultando nas últimas décadas num excessivo aumento da utilização de água, gerando escassez de água potável.

O consumo excessivo sugere a procura de alternativas para redução dos gastos e a urgência de criar alternativas de sua reutilização. Dentre estas alternativas se destaca o aproveitamento da água da chuva, por se tratar de uma das soluções mais simples e baratas para preservar a água potável.

E esta alternativa se desta na comunidade Chã da Pia, quando indago “de onde vem a água utilizada para fazer as “loičas”?”. E todas as loičeiras

utilizam a água proveniente de cisternas, presentes nas casas de suas famílias (Figura 5).

A coleta da água da cisterna é proveniente de chuvas, que escorrem pelos telhados das casas. Embora construídas com a finalidade de captar e armazenar água de chuva, as cisternas podem ser abastecidas por meios artificiais, como o tão comum carro-pipa, que na comunidade é reabastecida a cada 3 meses, pois não existe água encanada na comunidade.

Figuras 5: cisterna presente nos terrenos das lojeiras.



Fonte: Autora, 2018.

Em ambos os casos, a qualidade da água pode ser afetada por fatores como a poluição atmosférica pelo sistema de coleta da água da chuva; manutenção inadequada da cisterna; utilização e manuseio da água, e por fatores ligados à origem da água, transportada por carros-pipa, e à vulnerabilidade a que está exposta.

Mas para as lojeiras a água coletada da chuva é a propícia para o uso, observado nas narrativas, quando pergunto se “A água possui uma boa qualidade?”:

E1: É docinha, não possuindo outra a gente bebe, “né”?!

E3: É boa, porque é da chuva! Mas quando é dos “pipas” não é muito boa não, porque é salobra.

E5: É boa, cai do telhado direto na cisternas, o telhado é limpinho não tem cocô de gato, folha (...) Já as dos carro-pipa eu não sei de onde vem.

Devido à escassez hídrica no semiárido, percebe-se que é importante construir cisternas, porém, é necessário garantir a qualidade da água

consumida. Pois a coleta realizada pelo sistema de captação (telhado) permitem a entrada de contaminantes, tanto biológicos como não biológicos. Poeira, sujeira, fezes de animais e folhas de árvores podem, além de contaminar a água com microrganismos nocivos à saúde, causar sabores e odores desagradáveis à água (AMORIN; PORTO, 2003).

A água da cisterna, proveniente de chuvas e carro-pipa é utilizada não somente para fins menos nobres, como para fazer as “loiças”, mas principalmente para atender as necessidades primárias da população, como beber, cozinhar e tomar banho. E convivendo com essa realidade de utilização de pouca água e escassez de chuvas, a comunidade aprendeu a reutilizar a água.

Segundo Morelli (2005), o crescente consumo de água tem feito do reuso planejado uma necessidade primordial. Essa prática deve ser considerada parte de uma atividade mais abrangente que é o uso racional da água, o qual inclui também, o controle de perdas, redução do consumo de água e a minimização da geração de efluentes.

Conseguimos notar nas narrativas, que existe uma preocupação com o consumo e conservação da água na visão das loiçeiros, quando pergunto se “A água da casa é reaproveitada, para alguma outra atividade?”

E3: Sim, aproveito pro banheiro.

E4: Lavo o chão, uso no banheiro.

E5: Dou descarga, lavo a calçada.

Percebemos nas narrativas, que existe uma preocupação na conservação da água, utilização, reciclagem e reuso de água nas atividades humanas. A partir de algumas atividades desenvolvidas, a água é distribuída para o uso na descarga do banheiro, lavagem de pisos e veículos.

Para Cunha et al. (2011) fazer reuso de água trata-se da implantação de uma pequena estação de tratamento de água de uso 'nobre' (banho e pias) para reutilização em fins 'menos nobres', como descargas, lavagens de piso e outros

No entanto, segundo a Resolução nº 54 de 28 de novembro de 2005, do Conselho Nacional de Recursos Hídricos – CNRH, o reuso de água

constitui-se em prática de racionalização e de conservação de recursos hídricos, conforme princípios estabelecidos na Agenda 21. Tal prática reduz a descarga de poluentes em corpos receptores, conservando os recursos hídricos para o abastecimento público e outros usos mais exigentes quanto à qualidade; reduz os custos associados à poluição e contribui para a proteção do meio ambiente e da saúde pública (CUNHA, 2011).

Concluimos a partir da compreensão que apesar dos inúmeros avanços tecnológicos a sociedade ainda não conseguiu ficar independente dos recursos naturais. Desde os primórdios, a natureza era vista como fonte de alimento, e a relação do homem com a natureza era de suma importância para a sua sobrevivência.

Milhares de anos se passaram e o homem passa ao hábito sedentário criando novas habilidades tecnológicas, no intuito de dominar progressivamente à natureza, mas ainda dependente dela para sobreviver.

Tudo que está ao nosso redor advém da natureza, ela é a condição fundamental para a sobrevivência humana, desde seu estágio natural até a sua transformação executada pela ação humana, a chamada segunda natureza. É no cenário da comunidade Chã da Pia que vemos esta realidade muito presente.

A relação homem-natureza está muito presente nesta comunidade tradicional, que tem um conhecimento empírico rico, repassados como forma cultural. Segundo Toledo, Barrera-Bassols (2009) o saber tradicional é compartilhado e reproduzido mediante o diálogo direto entre o indivíduo, seus pais e avós (em direção ao passado) e/o entre o indivíduo, seus filhos e netos (em direção ao futuro) com a natureza.

As mulheres adquiriram historicamente um vasto saber sobre os recursos naturais que manejam. Desempenham importante papel como administradoras da conservação da biodiversidade e “domesticação” de plantas. E essa conservação para com o meio ambiente é gerado a partir da percepção ambiental de cada indivíduo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei ao longo deste trabalho deixar fragmentos que mostrassem as minhas considerações derradeiras, sobre esta pesquisa. A realização inicial desta pesquisa com o enfoque sobre a percepção ambiental de loiçeirias permitiu demonstrar que as artesãs possuem um conhecimento empírico sobre o local em que vivem.

O objetivo inicial da pesquisa foi a identificação da percepção ambiental de loiçeirias, permitindo, sobretudo, a quantificação dessa percepção frente as múltiplas faces do conhecimento ambiental, considerando a importância dela para a compreensão da conservação ambiental.

Seus artesanatos são obras que dependem de habilidades manuais, e não de aparatos mecânicos. Seus conhecimentos são trazidos das gerações anteriores, transmitidas oralmente de mães para filhas, de avós para netas.

A “loiça” de barro, no entanto, não é composta apenas de uma dimensão concreta. Nela estão embutidas várias relações pessoais, familiares, sociais, econômicas e simbólicas que só podem ser percebidas com um mergulho na comunidade.

Nas discussões sobre cultura popular, onde entram em cena questões como identidade e autenticidade, normalmente fazem-se atônitos muitos dos seus interlocutores pela imprecisão encerradas nestes conceitos, debates sobre o tradicional e a modernidade. Nesse contexto, o tradicional é percebido como detentor de uma identidade autêntica, enquanto o moderno é algo novo, desligado de práticas consideradas arcaicas.

As elaborações ideológicas de uma identidade nacional ligada às práticas tidas como tradicionais consoante se apresenta o artesanato, foram e são profundamente utilizadas por classes hegemônicas. Neste contexto tais práticas atuam como legitimadoras de uma identidade pura, símbolo de autenticidade das loiçeirias.

Ao logo da pesquisa mantive contato com cenas aparentemente “perdidas” no tempo, casas humildes com fogões a lenha e aparelhos de televisão exibindo realidades distantes e díspares das pessoas da comunidade. As panelas de barro que já foram modelos para

peças de alumínio, hoje, são modeladas na tentativa de imitar o alumínio. Como revelou a artesã “Corminha”: - “Naquele tempo tudo era de barro, panela de alumínio era coisa de gente rica!!!”.

Representantes do rústico, as panelas de barro desfilam em mesas, sendo utilizadas por outras pessoas e para fins outros que não cozinhar o feijão de cada dia das artesãs.

A produção do artesanato não se reduz, então, a conservar e resgatar tradições supostamente inalteradas. Trata-se de perguntar como estão se transformando, como interagem com as forças da modernidade.

Neste campo de forças cruzadas, tradicional e contemporâneo se transformam e se mesclam. A noção de perda nesse contexto torna-se estéril. É inegável, entretanto, a extinção completa de determinados rituais e práticas tradicionais, mas a preservação eficaz não é só aquela que documenta, minuciosamente, os saberes sob a égide da extinção, mas que dá condições para que estas continuem a ser realizadas.

A atividade com barro, como apresentei no decorrer deste trabalho, está intimamente imbricada com o cotidiano das artesãs. A feitura da “loiça” está presente em todas as fases da vida, desde a infância até a velhice.

Logo, a tradição que precisa ser percebida no artesanato é um conjunto de práticas sociais e simbólicas vivenciadas cotidianamente pelas artesãs. Compreender o contexto social e assim a interligação do artesanato com várias instâncias da vida humana é de fundamental importância para entender as múltiplas faces que esta atividade assume na vida das artesãs.

A realização da feitura das “loiças” de barro maximiza as relações de troca, ofuscando aspectos importantes e inerentes às atividades manuais, como: sociabilidade, transmissão dos saberes, fatos e histórias que se reelaboram e ressignificam na feitura do artesanato.

Para quem observa de fora, tais minúcias podem passar despercebidas e são elas que regem as “teias sociais” onde as loiçeras e a “loiça” se prendem. A transmissão do saber e as relações de gênero, assim como as dimensões simbólicas que as loiçeras atribuem a si e à “loiça”, contribuem para a constituição da identidade loiçeira, que é entremeada por valores como zelo, afinco e esmero na produção das peças.

Convém ressaltar, contudo, que apesar de serem conhecidas dentro e fora da sua comunidade como as loizeiras, essas mulheres não podem ser pensadas como uma categoria só, que denote unidade, pois têm histórias de vida, visões de mundo e interesses diversos, que as impedem de estabelecer identidade única.

E essas visões de mundo, do ambiente físico, natural e construído socialmente se diferem de acordo com cada cultura, com as experiências perceptivas, com os conceitos e valores inculcados, o que traz como consequências as atitudes que tomamos perante a realidade que nos cerca.

A partir do objetivo com a análise dos resultados verifica-se que o meio ambiente ainda é visto como um espaço global com exclusão do homem, quando na verdade ele inclui dimensões naturais, sociais e culturais deste, o que não se verifica nas repostas das pesquisadas.

Considera-se que as pessoas se relacionam com o meio ambiente em função de suas crenças e valores e que o comportamento vão de acordo com essas funções.

Ao seguirmos esta linha de pensamento, temos clareza de que, ao tratar de meio ambiente, precisamos ter ciência de que o mesmo é percebido de formas diferentes pelas pessoas, influenciado por diferentes contextos culturais. Assim, se faz necessário assumirmos o meio ambiente não como um objeto de cada área isolada de outros fatores. Ele deve ser trazido à tona como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais dos seres humanos.

E diante destas influencias culturais, crenças e percepção ambiental, é construído a visão sobre a conservação ambiental, de cada indivíduo.

5 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABDO, Rodrigo Ferreira. **Mapas mentais e percepção ambiental de crianças pantaneiras da região de Aquidauana, Mato Grosso do Sul**. Dissertação (mestrado) – Universidade para o desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, 2005.

ADDISON, Ester Eloisa. **A Percepção Ambiental da População do Município de Florianópolis em Relação à Cidade**. Dissertação de Mestrado, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2003.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **As ceramistas indígenas do São Francisco**. Estudos avançados 17 (49), 2003.

ALVES, Ângelo Guiseppa Chaves. **Do barro de loiça à loiça de barro: caracterização etnopedológica de um artesanato camponês no agreste paraibano**. Tese de doutorado-UFSCar, 2004, 179 pag.

AMARAL, Lilliane Semi. **Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil**. In: Revista belas artes, São Paulo, 2ªed. 2010.

AMORIN, Miriam Cleide Cavalcante de; PORTO, Everaldo Rocha. **Considerações sobre controle e vigilância da qualidade de água de cisternas e seus tratamentos**. In: Anais do Simpósio Brasileiro de Captação e Manejo de Água de Chuva, 2003, Juazeiro. CD Rom.

ANDERSON, Eugene Newton. **Ethnobiology: Overview of a Growing Field**. In: ANDERSON, E.N.; PEARSALL, D.M.; HUNN, E.S.; TURNER, N.J. Ethnobiology. Hoboken: John Wiley & Sons, 2011, p. 01-14.

ANDRADE, Mario Celso Ramiro de. **O gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil: a representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais**. 2008. 162 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

ARAGUAIA, Mariana. **Preservação e Conservação Ambiental**. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/preservacao-ambiental.htm>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

ARNOLD, Dean E.; **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University, 1989, 268 p.

ART, Henry W. **Dicionário de ecologia e ciências ambientais**. São Paulo: UNESP/Melhoramentos, 2001. ISBN: 9788506026106.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BALLONE, Geraldo. José. **Percepção**. In: Psiqweb. 2003. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=206>. Acesso em 14 de março de 2018.

BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier**; Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BASTOS, Sandra Nazaré Dias. **Etnociências na sala de aula: uma possibilidade para aprendizagem significativa**. In: Anais do II Congresso nacional de educação e II Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação. Curitiba: PUC. 2013.

BAUMAN, Zygmunt, **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEZERRA, Tatiana Marcela Oliveira; GONÇALVES, Andréa Aparecida. Cajueiro. **Concepções de meio ambiente e educação ambiental por professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão-PE**. Pernambuco: Biotemas, v. 20, n. 3, 2007.

BOWDITCH, James L.; BUONO, Anthony. F.; **Elementos de comportamento organizacional**. São Paulo: Pioneira, 1992.

BRASIL, **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. IBGE, nº 29, Rio de Janeiro, 2012.

BUKOWSKI, Charles. **The Movie Barfly**. Original Screenplay Black Sparrow Press, Santa Rosa, 1993.

CAMARGO, Serguei Aily Franco de; SURGIK, Ana Carolina Santos; DANTAS, Fernando Antonio de Carvalho. **FAPEAM: Histórico sobre propriedade intelectual, conhecimentos tradicionais e licenciamento de projetos de pesquisa**. In: XV Congresso Nacional do CONPEDI. Manaus, 2006.

CAMPONOGARA Silviamar; KIRCHHOF, Ana Lúcia Cardoso; RAMOS Flávia Regina Souza. **Reflexões Sobre o Conceito de Natureza: Aportes Teóricos Filosóficos**. Fund. Univ. Fed. Rio Grande. Rev. Eletr. Mestr. Educ. Amb., 18 (Janeiro a junho). 2007.

CAPOTORTI, Francesco. **Study on the Rights of Persons Belonging to Ethnic, Religious and Linguistic Minorities**. New York: ONU, 1979.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: A formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez. 2004.

CARPI, Junior Salvador; SILVA, Amanda Cristina Alves; LINDER, Evaldo Carlos. **Contribuição da percepção e educação ambiental à área de uso público da Floresta Estadual de Avaré-SP**. In: DIAS, L. S. (Org.). Educação ambiental em foco. 1ed. Tupã - SP: Associação Amigos da Natureza - ANAP, 2014, v. 1, p. 156-180.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, ISBN-13: 9788524910685, 2004.

CARVALHO, C.P. Prefácio. In: MEIRELLES, Gilda Fleury; BARROS, Maria Eliza Araújo. **O negócio é o seguinte: hábitos e costumes dos povos e sua influência na vida empresarial**. São Paulo: Ibradep, 2005, p. 5.

CARVALHO, Marcos de. **O que é natureza**, São Paulo: Brasiliense, 1991.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v.2; 1942.

CAVALCANTI, Sylvia Tigre Holland. **O azulejo na arquitetura civil de Pernambuco, século XIX**. São Paulo: Metalivros, ISBN-13: 9788585371401 2009, p.191.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Paris: Annales. NOV-DEZ. 1989, Nº 6, pp. 1505- 1520. 1991

COLWELL, Thomas. **The nature-culture distinction and the future of environmental education**. Journal of Environmental Education, 28, 4-8. ISSN-0095-8964,1997.

CORRAL-VERDUGO, VICTOR. **Environmental psychology: object, sociophysical "realities" and cultural views of environment-behavior interactions**. Psicologia USP, 16 (1/2), 71-87, 2005.

CORRÊA, Abidack Raposo. **O Complexo Coureiro Calçadista Brasileiro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 14, set. 2001. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/bxj5n/pdf/lira-9788578792824.pdf>. Acesso em: 22 de novembro 2017.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Ananda Helena Nunes; OLIVEIRA, Thiago Henrique de; FERREIRA, Rafael Batista; MILHARDES, André Luiz Mendes; SILVA, Sandra Máscimo da Costa e. **O reuso de água no brasil: a importância da reutilização de água no país**. Enciclopédia biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, N.13; 2011 Pág. 1225 à 1248.

DANTAS, Cármen Lúcia; **Fazer Popular: Mestres Artesãos das Alagoas**. Maceió: Organização Arnon de Mello, 2ªed. 2015.

DERANI, Cristiane. **Direito ambiental econômico**. São Paulo: Max Limonad, 2001.

DIAS, Carla Costa. **Panela de Barro Preta: A Tradição das Paneleiras de Goiabeiras, Vitória do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006.

DIAS, Márcia Adelino da Silva. **Dificuldades na aprendizagem dos conteúdos de Biologia: evidências a partir das Provas de Múltipla Escolha do Vestibular da UFRN (2001-2008)**. 2008. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufrn.br>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3ª ed, São Paulo: HUCITEC, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000. Bibliografia: p. 161. ISBN 85-271-0345-1. 2001.

_____. (ORG); ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira; SILVA, Viviane Capezzuto Ferreira da; FIGOLS, Francisca Aida Barboza; ANDRADE, Daniela. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB, 2000.

_____. **Sustainable Development and People's Participation in Wetland Ecosystem Conservation in Brazil: Two Comparative Studies**. In: Grassroots environmental action. People's participation in sustainable development, edited by Dharam Ghai and Jessica M. Vivian. London, England, Routledge, 1992. 141-58.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco**. Universidade Federal da Sergipe/CHESF, Aracaju. 1998.

DIOGO, Emilli Moreira; GORETTE, Milena da Silva. **LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE QUALIDADE**. X congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE. 2011.

DUBAR, Claude; TRIPIER, Pierre; BOUSSARD, Valérie. **Sociologie des professions**. Paris: Armand Colin, 2011.

DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

ELLEN, Roy. Introduction. In: ELLEN, R. **Ethnobiology and the Science of Humankind**. Oxford: Blackwell, 2006, p. 1-27.

ETCHEVARNE, Carlos; **A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa**; São Paulo: USP, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000.

_____. **Etude de l'appropriation des ressources du milieu: les populations pré-coloniales sanfranciscaine, dans l'Etat de Bahia (Brésil).** Tese de Doutorado. 1995.

FAGUNDES, Marina Miranda. **Competência Informacional e Geração Z: um estudo de caso de duas escolas de Porto Alegre. 2011.** 105 f. Trabalho de Conclusão de curso biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

FRANÇA, Genival Veloso de. **Medicina Legal.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.

FREITAS, Sergio Henrique de Almeida; MATOS, Verônica Damasco de; OLIVEIRA, Antônio Nunes de. **A sustentabilidade da fruticultura orgânica no município de Beberibe: um estudo de caso.** Anais do XLII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, Cuiabá - MT, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal;** apresentação de Fernando Henrique Cardoso; 481ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GALIZONI, Flavia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; CARVALHO, Alice Assis; JESUS, Géssica Almeida de; FAGUNDES, Juliana Soares; SILVA, Patrícia Noscilene. **Aprendendo com o barro: inovação e saber de artesãs camponesas do Jequitinhonha;** Agriculturas; v. 10; n. 3; setembro de 2013.

GIDDENS, Anthony; **As consequências da Modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. **Sociologia.** 4 ed. São Paulo: Artmed, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODELIER, Maurice. **L'idéal et le matériel.** Paris: Fayard. EAN: 9782213013367, 1984.

GONDIM, Maria Stela da Costa. **A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares na escola: uma proposta interdisciplinar baseada em**

saberes das artesãs do Triângulo Mineiro. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
GONZALES-VARAS, Ignacio. **Conservación de bienes culturales.** Madrid: Cátedra, p.44. 2003.

GOMES, Jim Robert Puga. **Exemplos da azulejaria dos séculos XVI e XVII, em Coimbra.** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de mestrado. Coimbra, 2011.

GÓMEZ – POMPA, Arturo; KAUS, Andrea. **Domesticando o mito da natureza selvagem.** In: DIEGUES, A. C. (org.). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. NUPAUB- USP, São Paulo: HUCITEC, 2000.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. **O sol da terra: o uso do barro em psicoterapia.** São Paulo: Summus, 1989.

GUIDON, Niede; VERGNE, Cleonice; VIDAL, Irma Ason. **Sítio Toca da Baixa dos Caboclos. Um abrigo funerário do enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara.** Clio, Recife, v. 1, n.13, p. 127-138, 1998 (Série Arqueológica).

HOCHBERG, Julian. E.; **Percepção.** Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes; FADINI, Almerinda Antônia Barbosa; CASTRO, Aurora Naivean de Moraes. **Percepção ambiental e planejamento participativo: um estudo na Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Lopo, Vagem – SP.** Climatologia e Estudos da Paisagem, Rio claro, v. 5, n. 1, p. 39-64, 2010.

HOFFMAN, Donald D., **Inteligência Visual: Como Criamos o Que Vemos.** Campus; Edição: 1 , 2001. ISBN-10: 8535207120

JÚNIOR, Elenaldo Fonseca de Oliva. **Os impactos ambientais decorrentes da ação antrópica na nascente do rio Piauí - Riachão do Dantas/SE.** Revista eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira, Ano V – nº7, 2012. ISSN – 19831285.

KUHNEN, Ariane; **Meio Ambiente e vulnerabilidade: A percepção ambiental de risco e o comportamento humano.** Londrina, v. 18, n. 2, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2003.

_____. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª ed., São Paulo, Atlas, 2011. 277 p.

LARRAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LEAL, Iara R.; SILVA, José Maria C. da; TABARELLI, Marcelo; LACHER JR. Thomas E. **Mudando o curso da conservação da biodiversidade na caatinga do Nordeste do Brasil**. Megadiversidade, v. 1, n 1, p. 140- 146, 2005.

LEANDRO, Janine Barreira. **Comunidade: uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman**. Kairós - Revista Acadêmica da Prainha Ano V/1, Jan/Jun 2008.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. IPHAN: 2005. Palestra.

MARANCA, Silva. **A Toca do Gongo I – Abrigo com sepultamentos no estado do Piauí**. São Paulo: Museu Paulista, v. 23, 1976.

MARIN, Andreia Aparecida. **Pesquisa em educação ambiental e percepção Ambiental**. USP, v. 3, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30047>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

_____. **Percepção Ambiental e Imaginário dos moradores do município de Jardim/MS**. São Carlos/SP: Universidade Federal de São Carlos (Tese – Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais), 2003.

_____; OLIVEIRA Haydée Torres; COMAR, Vito. **A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção**. Interciencia, vol. 28, nº10, outubro, 2003, pp. 616-619 Asociación Interciencia Caracas, Venezuela MEDEIROS, R.; **Etnias**. In: BITTENCOURT, Gabriel (Org.). Espírito Santo: Um painel de Nossa História. Vitória: EDIT, 2002.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. Antropologia. Uma introdução, São Paulo: Atlas. 2006, 6ª edição.

MASSENZIO, Marcello. A história das religiões na cultura moderna. São Paulo: Hedra, 2005

MELAZO, Guilherme Coelho. **A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano.** Olhares & Trilhas. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

MENDES, Francisca Raimunda Nogueira. **A louça de barros do córrego de Areia: Tradição, saberes e itinerários.** Tese de doutorado. Pós graduação em sociologia – UFC. Fortaleza, 2009, p.198.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento.** 2ª ed., São Paulo, Hucitec-Abrasco, 1993. 269 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação Profissional. **Referenciais Curriculares de Educação Profissional: Meio Ambiente, 2000.** Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/setec/index.php?option=com_content&task=view&id=74&Itemid=198>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

MIRANDA, Nascimento Marques de. **Percepção ambiental dos proprietários rurais do município de Palmas (TO): subsídios para o licenciamento ambiental.** 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO.

MONTENEGRO, Sineide C. Silva; NORDI, Nivaldo; MARQUES, José Geraldo W.; **Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (*Macrobrachium carcinus*) em um trecho do baixo São Francisco, Alagoas-Brasil.** Inter ciência, v. 26, nº 11. Caracas, Venezuela, 2001. pp. 535-540. ISSN: 0378-1844.

MORELLI, Eduardo Bronzatti. **Reuso de água na lavagem de veículos.** Dissertação. 107 p. São Paulo, 2005.

MORIGI, Valdir. José; ROCHA, Carla. Pires. Vieira da; SEMENSATTO, Simone; **Memória, representações sociais e cultura imaterial.** Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 09, número 14, 2012. ISSN 1676-2924.

MORIN, Edgar. **La méthode 4. Les idées, leur habitat, leur vie, leurs mœurs, leur organization.** Paris: Seuil. 1991.

NETO, Manoel Fernandes de Sousa. **O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005, p. 249.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS).** *Psicol. Reflex. Crit.* [Online]. 2007, vol.20, n.1, pp.65-73. ISSN 0102-7972.

NORDI, N. et al. **Etnoecologia, educação ambiental e desenvolvimento sustentável.** In: SANTOS, J.E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora.* São Carlos: Rima, 2001. p. 133-144.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento.** São Paulo: Plêiade, 1996.

OLIVEIRA, Albino. Museu do Ceará. **Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.** Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 05 novembro 2017.

OLIVEIRA, Kleber. Andolfato; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. **A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais.** Revista científica. Ano1, nº 1, Brasil: Anap, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. **Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia.** In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (org.). *Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea.* Curitiba: Editora UFPR, 2002, p.189-196.

PALLASMAA, Juhani. **La mano que piensa: sabiduria existencial y corporal en la arquitectura.** Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

PAZ, Otávio. **O artesanato.** Arte na Omaguás – todo domingo. Disponível em: <https://arteomaguas.wordpress.com/o-artista-e-o-artesao-feira-omaguas-artesanato-arte-feira-de-artesanato-norma-nacsa-pinheiros-passeios-merleau-ponty/o-artesanato-otavio-paz/>, Acesso em: 08/07/2017.

PEREIRA, Carlos José da Costa. **Cerâmica popular da Bahia.** Salvador: Progresso, 1957, 138 p.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins, 1958, p. 33.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Mãos de Mestre**. São Paulo: Maltese. 1994.
PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues, 2001. 328p, 2001.

QUEIROZ, Francisco; PORTELA, Ana Margarida. **A Herança de Santos Simões**, Colibri: Lisboa, 2014, pp. 247-262.

QUEIROZ, Inti; ZANELATO, Juliana; OLIVEIRA, Katiene. **Análise da conversação em uma entrevista: interação entre falantes**. *Anagrama*, mar./mai. de 2008: 2-13.

RAYNAUT, Claude. **Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 10, p. 21- 32, jul./dez. 2004.

REGADAS, Susana. **Como pensa quem pensa? Um ensaio antropológico sobre o espírito**, Tese de Mestrado em Bioética, Porto, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. 2007

REGO, Herbert Moura. **As panelas de barro de Pernambuco – do século XIX ao XXI**. Recife: O autor, 2013. 196 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2013.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **Cultura Capixaba**. In: BITTENCOURT, Gabriel (Org.). *Espírito Santo: Um painel de Nossa História*. Vitória: EDIT, 2002.
RIBEIRO, Luciana Mello. **O papel das representações sociais na educação ambiental**. Dissertação de Mestrado, pela Pontifícia Universidade Católica. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: *Ciências Humanas: pesquisa e método*. PINTO, Céli Regina Jardim;

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROSA, André; FRACETO, Leonardo; MOSCHINI, Viviane. **Meio Ambiente e Sustentabilidade**. 1ª Edição. Porto Alegre: Bookman, 2012.

ROVERE, Emílio Lebre La. **Energia e meio ambiente**, In: Meio ambiente, técnicas e econômico, 2º edição, IPEA/PNUD, Brasília, p.11-34,1996.

SANTOS, Aline Gonçalves dos; SILVA, Jacionira Côelho. **História escrita na cerâmica arqueológica**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, Universidade Federal do Piauí – UFPI Teresina-PI ISBN: 978-85-98711-10-2, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002

SANTIAGO, Rodrigo Girardi. **João-de-barro (Furnarius rufus)**. Biblioteca Digital de Ciências, 08 dec. 2006. Disponível em: <<http://www.ib.unicamp.br/lte/bdc/visualizarMaterial.php?idMaterial=381>>. Acesso em: 02 novembro. 2017.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 12ª reimpr. da 16ª. ed. de 1996. São Paulo: Brasiliense, 2006. ISBN 85-11-01110-2 1

SAMPAIO, Yoni; BATISTA, José Edmilson Mazza. **Desenvolvimento regional e pressões antrópicas no 17 bioma Caatinga**. In: SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. Biodiversidade da caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 311 - 324, 2003.

SAUVÉ, Lucie. **Para construir un patrimonio de investigación en educación ambiental**. Tópicos en Educación Ambiental, Cidade do México, v. 2, n. 5, p. 51-68, 2000.

SCHAAN, Denise. **Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó**. Inter. J. South American Archaeol. 1: 50-56, 2007.

SCOLARI, Keli Cristina. **Esculturas em Faiança Portuguesa existentes nos Casarões do Centro Histórico da Cidade de Pelotas, RS**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SEEMANN, Jörn. **Mapas e percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa**. Rio Claro: OLAM - Ciênc. & Tec.; v.3; nº1; p. 200 – 223. Setembro / 2003.

SEVERO, Thiago Emmanuel Araújo. **Ecologia também é educação ambiental? Um estudo sobre as necessidades formativas do professor educador ambiental**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

SHALINS, Marshall. **Cosmologias do Capitalismo: o setor transpacífico do “sistema mundial”** – Conferência apresentada à XVI Reunião de Antropologia, Campinas, mar. 1988.

SILVA, Antonio O. **Anotações sobre a modernidade na obra de Antony Giddens**. Revista Espaço Acadêmico, nº 47, 2005, Mensal.

SILVA, Irinéia de Fátima. **Preservação e conservação da reserva legal: novos debates**. Monografia. Universidade Presidente Antônio Carlos, Barbacena, 2011. p. 43.

SIMÕES, João Miguel Santos. **Azulejaria Portuguesa no Brasil**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. **Uma questão de método: origens, limites e possibilidades da etnografia para a psicologia social**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém - PA, Brasil, 2014, volume 25, número 3, 307-316

STEPP, John; WYNDHAN, Felice S.; ZARGER, Rebecca K. **Ethnobiology and Biocultural Diversity**. Athens: The University of Georgia Press, 2002.

STURTEVANT, Willian. C.; **Studies in ethnoscience**. In: ROMNEY, A. K. & D'ANDRADE, R. G. Transcultural Studies in Cognition. American Anthropologist, v.66, n 3, p. 99-131, 1964.

TOLEDO, Victor Manuel. **What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline**. Etnoecológica. v. 1, n. 1, p. 5-21, 1992.

_____. BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, Recife: UFPR, jul./dez. 2009.

_____. **Indigenous knowledge of soils: na ethnoecological conceptualization.** In: BARRERA-BASSOLS, N. & ZINCK, J. A. Ethnopedology in a worldwide perspective. Enschede: International Institute for Aerospace and Earth Sciences (ITC), 2000. p. 1-9.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** 6ª ed., Petrópolis: Vozes, 2006.

TRES, Deysi Regina; REIS, Ademir; SCHLINDWEIN, Sandro Luis. **A construção de cenários da relação homem-natureza sob uma perspectiva sistêmica para o estudo da paisagem em fazendas produtoras de madeira no planalto norte catarinense.** Ambient. soc. vol.14 nº1, São Paulo, Jan./June 2011.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture.** London: ay uso. 1871.

VALLE, Arthur; DAZZI Camila; Portella Isabel. **Oitocentos** - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ªed. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II. 600 p.

VIEIRA, Geruza Silva de Oliveira. **Artesanato: identidade e trabalho.** Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal de Goiás. Goiana, 2014 p. 182.

VILLAR, Livia Melo; ALMEIDA, Adilson José de; LIMA, Michele Christiane Andrade de; ALMEIDA, Juliana Laredo Valle de; SOUZA, Lilian Fiori Boechat de; PAULA, Vanessa Salete de. **A percepção ambiental entre os habitantes da região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro.** Escola Anna Nery, Revista de Enfermagem, vol.12, n.2, pp.285-290. 2008. ISSN 1414-8145.

VAINSENER, Semira Adler. **Artesanato do Nordeste do Brasil.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 08/07/2017.

WINKLER-PRINS, Antoinett M. G. A.; **Local soil knowledge: a tool for sustainable land management**. Society and Natural Resources, v.12, p.151-161, 1999.

ZANIRATO, Silvia Helena; RIBEIRO Wagner Costa. **Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável**. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 26, nº 51, p. 251-262 – 2006.

ZIMMERER, Karl. S. **Local soil Knowledge: answering basic questions in highland Bolivia**. Journal of Soil and Water Conservation, v 49, nº1, p.29-34, 1994.

APÊNDICE

3 APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA (Apêndice 1)

1. Identificação: _____
2. Idade: _____
3. Escolaridade _____
4. Qual a renda mensal da família? _____
5. Há quanto tempo trabalha com a produção de “loiça”.

6. A atividade de produzir “loiça” é repassada para as gerações futuras.
Sim Não
Pra quem.

7. O que é ambiente para você.

8. Como você percebe o seu ambiente, do qual você retira o seu material de trabalho.

9. Como é retirado o barro.

10. Existe um cuidado com a conservação da matéria-prima. Sim Não
11. De onde vem a água utilizada para fazer as panelas de barro.

12. A água da casa é reaproveitada, para alguma outra atividade. Sim Não
13. Como é realizado o fornecimento da água, na comunidade.

14. A água possui boa qualidade. Sim Não

15. Recolhe água da chuva. Sim Não

De que maneira.

16. Existe algum reservatório na comunidade. Sim Não

Passa muito tempo cheio.

17. O que você entende por conservação ambiental.

18. Você realiza alguma contribuição para a conservação ambiental Sim

Não

De que maneira.
